



PUBLIC
Ações
ETS

Fundação Tide Setubal: Identidades Territoriais e Comunidade Local
Uma história de pensar e fazer junto



PUBLIC
Ações
FTS

Fundação Tide Setubal: Identidades Territoriais e Comunidade Local

Uma história de pensar e fazer junto

Fundação
Tide
Setubal



Fundação Tide Setubal

Rua Jerônimo da Veiga, 164 – 13º andar
04536000 – São Paulo – SP

www.fundacaotidesetubal.org.br

Conselho FTAS

Presidente do Conselho
Maria Alice Setubal

Conselheiros

Guilherme Setubal Souza e Silva
José Luiz Egydio Setubal
Marlene Beatriz Pedro Cortese
Olavo Egydio Setubal Júnior
Rosemarie Teresa Nugent Setubal

Coordenação Geral

Paula Galeano

Coordenação Administrativa

Mirene Rodrigues

Coordenação de Comunicação

Fernanda Nobre

Assistente de Comunicação

Adriana Lima

Dados da publicação

Coordenação Editorial e Textos

Fernanda Nobre e Maria Alice Setubal

Colaboradores: Beatriz Lomonaco, Inácio Pereira Neto, José Luiz Adeve, Lucia Amadeo, Marcelo Ribeiro Silva, Marlene Cortese, Maurício Érnica, Mauro Bonfim, Mirene Rodrigues, Paula Galeano, Tião Soares, Viviane Hercowitz

Fotos: Acervo Labdoc Unicsul e Acervo CPDOC | Gustavo Porto, Veronica Manevy, Levi Mendes Jr., Maurício Érnica, Mauro Bonfim

Revisão: Viviane Rowe

Projeto Gráfico: SM&A Design

Agradecemos a todos que integram ou integraram a equipe da Fundação Tide Setubal e também a lideranças comunitárias, representantes do poder público, professores, moradores, participantes de programas e projetos, pessoas que tornaram esta história possível.

F981 Fundação Tide Setubal : identidades territoriais e comunidade local : uma história de pensar e fazer junto / coordenação editorial e texto Fernanda Nobre, Maria Alice Setubal. – São Paulo, SP : Fundação Tide Setubal, 2010.
72 p. : il.

ISBN 62058080

1. Fundação Tide Setubal - História. 2. Comunidade local - Desenvolvimento sustentável. 3. São Miguel Paulista (SP) - Comunidade local - Participação do cidadão. I. Nobre, Fernanda II. Setubal, Maria Alice.

CDU 364:061.235

CDD 361.7

Sumário

	Para começar esta história por Maria Alice Setubal	5
	Introdução	11
1 	São Miguel Paulista, território de atuação	
	Percorrendo as ruas do bairro	17
	A história de um bairro	18
	As décadas de 1980 e 1990, anos de mudanças econômicas	19
	Formação cultural em uma região de muitos povos	20
2 	Fundação Tide Setubal, a participação comunitária e o desenvolvimento local sustentável em São Miguel Paulista	
	A atuação conjunta e as responsabilidades compartilhadas na conquista do desenvolvimento local	26
	As ações da Fundação Tide Setubal em São Miguel	27
	Gestão de espaços públicos	27
	Empoderamento e participação	32
	Mobilização e articulação	47
	Comunicação	49
	Sistematização de metodologias e multiplicação do conhecimento	51
	Fortalecimento institucional local	53
3 	Lições aprendidas	
	A construção de vínculos de confiança: escuta e respeito como alicerces de uma trajetória	57
	O olhar da comunidade revela a história local	58
	Reformas estruturais dão visibilidade a ações concretas	60
	Transparência, prestação de contas e apartidarismo, diferenciais na ação da Fundação na comunidade	61
	Acompanhamento e compromisso, eixos de sustentação e participação	62
	A conquista de novos conhecimentos e perspectivas	62
	Novas lideranças e lideranças renovadas	63
	Parcerias, mediação e articulação de ações e políticas no território	64
	A força da equipe na construção coletiva	66
	Aprendizados sistematizados e saberes compartilhados	66
	Cinco anos, muitas histórias	67
	Fundação em números	68

Para começar esta história



“É preciso despertar no indivíduo a consciência de que ele, como cidadão, é responsável pela sua comunidade. Vejo, no trabalho integrado de todas as instituições e de todos os recursos de São Miguel (*Paulista*), a possibilidade de criar condições para um despertar de toda a população.”

O depoimento acima foi escrito na década de 1970 por Tide Setubal, minha mãe, quando criou o Corpo Municipal de Voluntariado, na gestão de Olavo Setubal, meu pai, na Prefeitura de São Paulo. A atuação do voluntariado priorizou a zona leste, especialmente São Miguel Paulista. Mais de 30 anos depois, é possível perceber a modernidade de seus pensamentos em um período no qual as ações direcionadas para comunidades de baixa renda eram prioritariamente assistenciais.

A partir dessa visão, eu e meus irmãos decidimos criar a Fundação Tide Setubal, em 2005, com a proposta de ressignificar e ampliar a atuação iniciada por minha mãe na região, que contava com um hospital municipal, uma escola e um clube da comunidade, batizados com o seu nome como uma homenagem, após sua morte, pelo trabalho por ela desenvolvido. Após cinco anos, registramos neste livro a trajetória construída pela Fundação, em parceria com a comunidade de São Miguel Paulista.

Norteados pelos princípios da construção de uma sociedade mais justa e solidária, do respeito às diferentes temporalidades, pluralidades e diferenças culturais e da valorização da cultura, tradições, experiência e costumes da comunidade, iniciamos um trabalho com foco no desenvolvimento local sustentável, tendo como eixo de atuação o reconhecimento da história e da experiência das pessoas.

Ao ouvir os moradores, por meio de pesquisa encomendada ao Ibope, em 2005, a Fundação encontrou pessoas orgulhosas do seu lugar: 56% delas se mostraram satisfeitas em viver na região; a educação foi eleita por 41% como ponto positivo na localidade, principalmente pelo número de escolas e creches; o comércio foi citado por 58% como ponto positivo no bairro, em especial pelo acesso e pela diversidade. Apesar de gostarem de onde vivem e de perceberem ali a raiz de suas histórias, iniciadas, na maioria das vezes, pelas famílias, que vieram do Nordeste, eles reconhecem também os desafios de seu próprio lugar. A segurança foi o aspecto apontado como mais negativo na região, seguida pela

saúde com 23% e a ausência de espaços de lazer, citada por 21% dos entrevistados.

Hoje, é possível perceber que a nossa preocupação inicial de realizar uma pesquisa para entender a população, ouvir as lideranças, os jovens e as famílias, ao chegar ao território, mostrou-se acertada. Rapidamente, entendemos, também, que essa escuta nos levava a algo mais complexo, pois envolvia lidar com uma cultura e um modo de agir, instalados havia muito tempo.

A chegada a qualquer território onde somos vistos como “estrangeiros” tem que ser cuidadosa e respeitosa. A busca pelo diálogo e o entendimento da posição do outro, do parceiro, são fundamentais para o sucesso das ações, mesmo depois de algum tempo de trabalho.

Como não tínhamos a nossa origem no bairro, apesar de o nome ser familiar aos moradores, percebemos que a tendência de quem tinha sua origem de vida e de história na região era de ver a Fundação como quem não viveu diretamente as mazelas e nem os dias de glória – afinal, São Miguel já teve destaque com a industrialização trazida pela Nitroquímica, com o Movimento Popular de Arte e com os movimentos sociais e religiosos de outros tempos.

A vulnerabilidade e a grandeza do passado eram sempre resgatadas nos diálogos. Os moradores tentavam nos mostrar o tempo todo que, se hoje a situação na região, com mais de 400 mil habitantes, é de maior vulnerabilidade, isso não acontece por falta de garra de sua gente, mas por condições externas, que não permitem mudanças.

Tivemos o cuidado de ouvir o maior número de pessoas, entidades e lideranças sem a pretensão de ter

respostas prontas e milagrosas, mas, ao contrário, com intenção de apoiar um novo desenvolvimento para a região, sempre em parceria com as forças locais. Nesse diálogo, muitas vezes, também nos percebemos arrogantes e aprendemos a entender melhor as diferentes configurações dos diversos grupos que compõem o bairro, a pensar a periferia e sua periferia e, ao mesmo tempo, relacioná-la à história da cidade.

Entre nossas escolhas iniciais estava a intenção de reformar o Clube da Comunidade Tide Setubal, espaço público, em estado de deterioração e abandono. Não queríamos investir na construção de um prédio ou sede própria e, sim, acreditar na revitalização de um equipamento público da região, capaz de provocar o reconhecimento da comunidade com o seu lugar.

Com essa proposta, começaram, também, as descobertas práticas e reais de como se estabelecia a cultura local. O território tinha “donos”, que, a princípio, por meio de suas atitudes, dificultavam nossas ações. As reuniões realizadas com a subprefeitura e as lideranças locais eram sempre muito evasivas, e a cada encontro a sensação era de que começávamos sempre do zero, sem grandes avanços, apesar de apoios fundamentais, como o do subprefeito na época.

Decidimos, então, iniciar as obras a partir de um projeto por nós encomendado. Nele, levamos em conta as discussões e os apontamentos das lideranças já instaladas no CDC. Do poder público local, ou seja, da subprefeitura, conseguimos a responsabilidade pela quadra, paisagismo e remoção de entulhos. Por diversas vezes, solicitamos apoio para ultrapassar entraves burocráticos e foram gastas horas (literalmente) de conversas para acertos e ajustes no projeto inicial.

Apesar do diálogo, da abertura e do chamado para uma ação conjunta, ouvimos várias vezes de algumas lideranças locais que, agora que a Fundação estava em São Miguel, não havia papel para eles. Até aqueles que eram parceiros diretos de algumas ações mostraram desconfiança e insegurança, pois não estavam acostumados a realizar ações em parcerias compartilhadas. Temiam pelo reconhecimento de um novo ator no contexto do bairro e pelo esquecimento de ações realizadas antes da nossa chegada.

Nesse cenário, ficava ainda mais clara a importância da implementação de projetos e programas que pudessem empoderar a comunidade, ampliar a participação por meio de capacitação e novos conhecimentos necessários ao exercício da cidadania.

A opção inicial de reformar espaços já existentes, valorizando a história e as características da localidade, em territórios de alta vulnerabilidade com escassez de equipamentos, era uma maneira de chamar a atenção da população e uma estratégia de dar visibilidade concreta às ações e ao jeito de fazer da Fundação, em parceria com a comunidade.

Essa postura exigia paciência de todas as partes, pois chegar a um consenso nesse contexto era a opção mais demorada e difícil. Porém, a satisfação desse modo de atuação é enorme quando percebemos que as mudanças na comunidade vão ser mais apropriadas, e os sinais de mudanças podem ser observados, por exemplo, na maneira de atuar transparente e participativa.

Postura suprapartidária, transparência, prestação de contas e consistência foram marcantes no modo de atuação da Fundação e aprendemos que esses princípios formariam o nosso diferencial. Com essa maneira

de atuar, poderíamos mostrar à comunidade que havia outro modo de agir que, do nosso ponto de vista, era mais democrático e não dependia tanto de favores políticos, cultura tão arraigada localmente.

Desde o início, divulgação, informação e participação andaram lado a lado em nossas iniciativas. Todas as decisões relativas à gestão dos equipamentos, à programação cultural e às informações diversas sobre os projetos desenvolvidos (principalmente aqueles que ofereciam bolsas) estavam colocadas nos murais aos quais a comunidade tinha acesso, com critérios amplamente difundidos.

A princípio, essa forma de agir causou um grande estranhamento, diante da cultura instalada de favorecimento dos amigos e conhecidos políticos. Em comunidades de alta vulnerabilidade, a população se vê muito fragilizada e, por isso, comumente adere às práticas clientelistas, pois, de um lado, existem demandas urgentes e necessidades básicas não atendidas e, de outro, a comunidade percebe um Estado distante e, muitas vezes, omissivo, além de recursos privados inacessíveis. Este cenário é propício aos agentes clientelistas, pois eles realmente aproximam a população de recursos para atender, imediatamente, às suas demandas e necessidades.

Realizar uma gestão mais compartilhada enfrentou resistências claras da parte de alguns líderes locais, que estavam no território havia muitos anos com ações de assistência à comunidade e viam na Fundação uma instância que poderia tirar o seu lugar e enfraquecer a relação com a comunidade.

A grande virada na atuação da Fundação foi a realização da festa junina, momento no qual resolvemos formar uma comissão da comunidade com envolvi-

mento de moradores e de jovens participantes de nossos projetos. Dividimos tarefas como seleção de barracas, construção da programação, decoração e divulgação com a comunidade local.

A festa foi um sucesso, lotação máxima nos três dias, com presença de famílias inteiras, com filhos, netos, amigos. Na minha percepção, não é por acaso que o início da virada tenha sido na realização de uma festa. As festas são momentos de apreensão do funcionamento social, refletem a relação do homem com o espaço e o tempo.

A partir da comissão da festa, construímos uma comissão de cultura para as questões relativas ao tema. Essa comissão se desdobrou em um conselho integrador da gestão do clube da comunidade, com representantes de diferentes áreas, concretizando essa nova forma de atuação mais participativa e democrática.

As participações, as articulações e os desafios foram crescendo e se transformando ao longo de cinco anos de atuação, com a implementação de projetos com foco na juventude, na família e na comunidade.

Ano a ano, foi possível perceber o quanto a metodologia de “fazer com” a comunidade e não “para a” comunidade deu credibilidade para a Fundação Tide Setubal ocupar, também, um papel de articulação e de mediação na comunidade, contribuindo para mudanças na cultura do clientelismo. A comunidade voltou a reconhecer sua história, seus desafios, suas potencialidades e, acima de tudo, sua capacidade de transformação. Atualmente, temos ações e grupos organizados em torno de diferentes temas que mencionamos no decorrer deste livro.

Nas próximas páginas, relatamos mais sobre como essas construções foram se estabelecendo em um caminho que buscou apoiar o presente, sem deixar de lado histórias e referências da memória local. Não há aqui nenhuma pretensão de apresentar uma fórmula pronta, até porque, quando acreditamos em ações compartilhadas, em fazer com a comunidade, isso é impossível.

Nosso desejo, alinhado à missão, é de compartilhar sim nossas experiências, descobertas, dificuldades e conquistas conjuntas, que nos inspiram a prosseguir dia a dia. Acreditamos que multiplicar esse conhecimento pode inspirar outras iniciativas, novas histórias e novas experiências, e é a soma de ações de transformação social que podem contribuir para o desenvolvimento mais amplo e para a diminuição da desigualdade social.

Boa leitura!

Maria Alice Setubal

Presidente do Conselho
da Fundação Tide Setubal



Vejo no trabalho integrado de todas as instituições e de todos os recursos de São Miguel a possibilidade de criar condições para um despertar de toda a população. E, assim, se tornará também viável o encaminhamento de casos problemas, que seriam orientados e canalizados para as entidades componentes.

Deixo aqui um convite para tornar viva essa integração, movimentando a Comunidade e acelerando o nosso trabalho.

**Deixo aqui uma ideia.
Deixo aqui uma semente.**

Tide Azevedo Setubal

Introdução

A atuação da Fundação Tide Setubal deve ser analisada no contexto da sociedade contemporânea, caracterizada por globalização, alta tecnologia, aquecimento global e mudanças climáticas, precarização das relações sociais e empregatícias, rapidez nas mudanças, consumismo, exaltação do presente em detrimento das tradições, individualismo e ênfase na experiência de cada um em vez de regras e normas rígidas.

Se as sociedades tradicionais tinham na honra e no *status* o seu marco orientador e o sentimento de comunidade imperava, diluindo a importância do indivíduo e ressaltando o valor das tradições, na sociedade contemporânea prevalece a liberdade da escolha individual, que é acompanhada da responsabilidade em relação a si próprio e para consigo mesmo. Se antes havia excesso de proibições, hoje há excessos de possibilidades e a tirania do momento presente substitui a tirania da eternidade.

Nesse sentido, vivemos atualmente uma situação de transição na qual prevalece uma sociedade com o tecido social esgarçado pela falta de confiança nas instituições, e pela instabilidade e fragilidade das relações humanas, tanto econômicas quanto socioculturais. Assim, cabe a cada um se formar como sujeito e construir sua experiência a partir da construção de sentidos singulares.

Essas características atuam de forma diferenciada nos diversos contextos e grupos sociais, o que acarreta uma multiplicidade de tempos que coexistem numa mesma conjuntura histórica. No Brasil, e mais especificamente na cidade de São Paulo, modernas

tecnologias convivem com precárias condições sociais e econômicas de inserção na sociedade do trabalho, por exemplo.

A atuação da Fundação Tide Setubal insere-se na tensão de conflitos gerados pelas diferentes temporalidades e desigualdades e suas consequências, no dia a dia de São Miguel Paulista, bairro com 400 mil habitantes, na periferia de São Paulo.

Buscar contribuir para a inserção de homens, mulheres, jovens e crianças no contexto mais amplo da sociedade onde vivem é o nosso grande desafio, e para isso buscamos apreender as experiências vividas no cotidiano desses sujeitos, procurando uma nitidez de foco que permita que nossa interação capte nuances, descrições e explicações que aprimorem nosso olhar e nossa escuta com objetivo de garantir a melhor maneira de implementar os projetos.

A iluminação de fragmentos do passado e o constante diálogo entre os profissionais da Fundação e os participantes de seus projetos, assim como com lideranças e moradores da região, permitem o surgimento de novas indagações e a construção de consciências possíveis para a ação.

A análise desses pequenos fragmentos, situações corriqueiras do cotidiano, uma frase solta ao acaso, um depoimento, muitas vezes, leva a significados antes ocultos, de modo a direcionar ou ajustar ações. Tecer as relações entre a experiência histórica dos sujeitos no particular de suas vidas invisíveis com as condições macro da sociedade contemporânea na cidade de São Paulo possibilita a construção de

mediações capazes de desvelar a opacidade e gerar transformações no exercício da cidadania.

Assim, captar por meio de indícios e vestígios as singularidades de narrativas implica a desconstrução de conceitos e crenças preconcebidos de modo a se produzir interpretações inovadoras. Trata-se de um entroncamento entre os profissionais da Fundação e os sujeitos participantes de suas atuações, na qual a temporalidade da ação interage com a linguagem que constitui o ser na sua possibilidade de produzir sentido e interagir com o outro. Assim, dar voz a uma multiplicidade de sujeitos pressupõe uma escuta, um olhar atento de respeito e uma interpretação do desvendamento daquilo que estava oculto.

Face à tendência homogeneizadora e totalizante do mundo atual, torna-se cada vez mais necessário o esforço para um conhecimento multidisciplinar e plural na análise e implementação de ações nos territórios. “Acertar a perspectiva, trabalhar a mais não poder a urdidura de inter-relações entre o microssocial e sua integração nos panoramas mais globais da cultura parece o caminho possível para rediscutir o relativismo e as possibilidades de rearticular consensos parciais, ‘fragmentos’ de totalizações, que possam vir a coexistir, dialogar, buscar novas regras, novas traduções de suas diferenças, reinventar, quem sabe, uma linguagem multissistêmica, compatível com pluralidades e diferenças.”⁸

No percurso de cinco anos de atuação, é possível identificar que o cenário atual tem uma nova dinâmica. A credibilidade nas ações caminhou lado a lado com a persistência na construção conjunta, na transparência, na prestação de contas, na clareza dos objetivos.

Projetos nas áreas de educação, de cultura, de comunicação e focados no acesso a direitos sociais formaram o fio condutor para ações de mobilização e a articulação da comunidade por políticas que transformem a localidade. Ações baseadas em trabalho conjunto e, acima de tudo, na confiança.

Nem todos os retornos são totalmente positivos. Construímos com São Miguel uma história verdadeira, e esse tipo de história reúne acertos, erros, aprendizados, dificuldades, conquistas e desafios presentes e futuros. O objetivo desta publicação é compartilhar essa experiência que envolve a comunidade na busca pela melhoria de sua qualidade de vida.

Este livro é fruto do trabalho desenvolvido pela equipe técnica de profissionais da Fundação Tide Setubal representada pelos coordenadores Bia Lomonaco, Fernanda Nobre, Inácio Pereira Neto, José Luiz Adeve, Judi Cavalcanti, Lúcia Amadeo, Marcelo Ribeiro Silva, Marlene Cortese, Mauro Bonfim, Mirene São José, Paula Galeano, Tião Soares, Tide Souza e Silva, Vera Sconamiglio, Viviane Hercowitz e suas equipes, além dos consultores Gabriel Ligabue e Mauricio Érnica. Alguns já não atuam diretamente em nossas ações, mas todos contribuíram muito para essa história.

Ele é também fruto da colaboração de lideranças comunitárias, professores, educadores, profissionais de diferentes setores e moradores que confiaram na Fundação Tide Setubal e compartilharam princípios, valores e objetivos. É esse “fazer junto” que torna possível a concretização do trabalho desenvolvido e relatado neste livro.

⁸ Dias, Maria Odila. Hermenêutica e cotidiano na historiografia contemporânea. Projeto História. Revista do Departamento de Estudos Pós-Graduados em História. São Paulo, PUC, n. 17, novembro de 1998.

1

São Miguel Paulista, território de atuação

A

tuar em São Miguel Paulista tem um significado histórico para a Fundação Tide Setubal. É retornar três décadas depois ao território onde sua inspiradora desenvolveu um trabalho diferenciado à frente do Corpo Municipal de Voluntário. Como seria, então, chegar à zona leste tanto tempo depois? Como estaria o bairro? Quais as suas conquistas? Os seus desafios? Em qual São Miguel se estaria aportando?

Por acreditar que as pessoas pertencentes a um lugar carregam consigo o patrimônio imaterial e expressam os desejos e as demandas de uma região, a Fundação Tide Setubal ouviu moradores, lideranças, o poder público, comerciantes. Essa ausculta aconteceu das mais diferentes formas. De maneira formal, com uma pesquisa realizada pelo Ibope, e de maneira informal ao visitar espaços públicos e associações, ao

participar de eventos, ao conversar com as pessoas. Nesses contatos, havia a busca por uma compreensão mais orgânica e ampliada de São Miguel.

Desde o princípio, o sentimento de pertencimento ganhou destaque entre as diferentes vozes. Com uma população formada por migrantes nordestinos, que desembarcaram em sua estação de trem na busca de emprego nos primeiros anos de industrialização, São Miguel conta com moradores orgulhosos de seu lugar e da história que ali construíram. O jeito de cidade de interior, o centro comercial onde se pode encontrar de tudo, a relação com os vizinhos em um lugar onde todos se conhecem, a capela de São Miguel Arcanjo (*veja boxe*) são citados constantemente como qualidades para apresentar a região. Passado e presente se unem na imagem que as pessoas traçam quando chamadas a falar sobre o bairro onde moram.

Assim como destacam as coisas boas, os moradores conhecem também as dificuldades sociais enfrenta-

das por eles. Com população de mais de 400 mil habitantes, não faltam problemas a serem resolvidos. Só para se ter ideia, pesquisa realizada pelo Movimento Nossa São Paulo, em 2009, mostra que: 14,86% dos domicílios não têm ligação de esgoto; a região conta com um dos maiores índices de gravidez na adolescência de São Paulo, 17,13%, enquanto o índice do município é de 13,88%. É a região que conta com o maior número de jovens, na faixa etária de 16 a 29 anos, desempregado, com o índice de 21,48%. A área cultural e esportiva também tem muitas lacunas – não há salas de cinema e teatro e existem poucos centros esportivos.

A comunidade convive com a violência, uma das maiores preocupações em relação à juventude. As mães querem evitar o envolvimento dos filhos com as drogas e existe um grande temor de os filhos serem seduzidos por esse universo. Na pesquisa Ibope, realizada pela Fundação, ficou muito marcado o desejo de tentar “tirar os filhos da rua”, mantendo-os ocupados em atividades extracurriculares.

A vontade de ver o bairro transformado não se sobrepõe às dificuldades e não diminui a relação de orgulho que as pessoas têm com São Miguel. “Eu não gostaria de mudar de São Miguel, eu gostaria que o bairro mudasse”, afirmou um dos jovens participantes da pesquisa realizada pela Fundação Tide Setubal em 2005.

Nesse sentido, o trabalho das organizações não governamentais (ONGs) tem sua importância reconhecida entre a população. Historicamente presentes na região, essas entidades estão muito próximas dos moradores e conhecem profundamente tanto os problemas enfrentados no bairro quanto o potencial das pessoas para superar as situações adversas que experimentam.

A maioria dos profissionais que atuam nas ONGs mora em São Miguel e dedica-se a uma militância permanente e apaixonada para que seus vizinhos se envolvam com a melhoria da qualidade de vida no território. Muitos deles foram jovens formados no movimento da Teologia da Libertação, fortemente presente na região na década de 1970. Trazem consigo um claro entendimento do quanto é importante o saber de cada um, independentemente da sua formação, a participação e a união de forças para superar os desafios. A conscientização funciona como combustível para a transformação. E, acima de tudo, a crença na capacidade de cada um de contribuir para um resultado amplo e para todos.

Existem programas e projetos desenvolvidos nas mais diferentes áreas. Em um levantamento realizado pela Fundação Tide Setubal, em 2010, para a publicação *Cidadania Viva: Práticas Socioeducativas em São Miguel*, foram encontrados trabalhos desenvolvidos na área de educação com complementação escolar, ações socioeducativas, inclusão digital, acesso e estímulo à leitura e cursos profissionalizantes. Na saúde, existem atividades diversas, como combate à desnutrição infantil e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Há também diferentes ações na área de cultura, estimulando a produção e a preservação de raízes culturais e atividades para geração de renda, baseadas em reciclagem e artesanato. A soma desses esforços insere uma visão mais otimista, gerada pelo acesso, pelo aprendizado, pelo empoderamento da população. Nesse movimento, os moradores conseguem reconhecer que não está tudo certo, mas que muita coisa já mudou.

“São Miguel tem uma parte boa e outra ruim. Uma colorida, com borboletas, que mostra a melhoria que está sendo feita, e a outra com a ponte escura.

“São Miguel tem uma parte boa e outra ruim. Uma colorida, com borboletas, que mostra a melhoria que está sendo feita, e a outra com a ponte escura. É o lado lindo e o lado onde tem gente necessitando de ajuda.”

Jovem participante da pesquisa Ibope realizada pela Fundação



É o lado lindo e o lado onde tem gente necessitando de ajuda.”

Jovem participante da pesquisa Ibope realizada pela FTAS.

Percorrendo as ruas do bairro

Diariamente, os noticiários mostram situações de pobreza das periferias, geralmente associadas à violência urbana. São imagens que pressupõem uma visão linear e homogênea desses territórios, como se todas as favelas ou espaços periféricos fossem iguais. Tal perspectiva desconsidera que, em São Paulo, esses bairros localizados fazem parte de regiões muito extensas, nas quais cada subprefeitura conta, em média, com mais de 300 mil habitantes. Portanto, internamente aos seus limites geográficos, existem áreas classificadas como de alta, mas também de baixa vulnerabilidade, assim como é possível encontrar favelas na região do Centro expandido da cidade. Esse é também o caso de São Miguel Paulista, que

tem o centro marcado por extensas áreas dominadas pelo comércio e uma grande praça central, nos moldes das cidades do interior paulista, onde se localizam a catedral e a pequena e singela capela de São Miguel, datada do século XVII, recentemente restaurada, além da maioria dos diferentes equipamentos públicos presentes na região.

Adentrar pelos territórios de alta vulnerabilidade de São Miguel significa entrar nos bairros do Jd. Pantanal, Jd. Lapenna, Vila Nair, União de Vila Nova, Nitroquímica e outras localidades, onde encontramos a periferia da periferia. Ao percorrê-las, parece que imediatamente se é tomado por uma imensidão de casas construídas com blocos cinzas ou tijolos laranjas, sem nenhum acabamento. A paisagem pode ser plana ou configurada por morros, ladeiras ou vielas, em geral, com corredores estreitos e compridos, onde moram diferentes famílias em casas que se sucedem sem muita demarcação. Outras vezes, as casas se amontoam perto de um rio ou represa,

sempre em áreas ilegais, sem condições mínimas de habitabilidade.

Tanto no centro quanto nos territórios de alta vulnerabilidade, o caminhar pelas ruas surpreende também pela vivacidade de uma comunidade que pode abrigar vários projetos sociais, com crianças e jovens frequentando núcleos socioeducativos, projetos de comunicação, arte e cultura, hortas comunitárias. É possível perceber, também, suas conexões com a modernidade tecnológica dos grandes centros globalizados, que ali chega de forma incipiente. Telecentros e lan houses, sempre lotados, estão criando a possibilidade da confecção de projetos em que jornais locais, acervo fotográfico e vídeos, criados pelos jovens, dão notícias do cotidiano e mostram tentativas de ampliação do universo cultural desses moradores.

A história de um bairro

São Miguel nasceu com a construção da capela de São Miguel Arcanjo. Considerada a mais antiga da cidade, sua primeira versão foi construída em 1560 pelo Padre José de Anchieta, que desejava dar continuidade à catequização dos índios guaianazes, ali instalados após deixarem as imediações do colégio jesuíta. Em 1622, a pequena capela foi substituída por outra, hoje tombada pelo patrimônio histórico.

Outras duas referências que ajudam a contar a história de São Miguel Paulista e de seus moradores é a construção da rodovia São Paulo-Rio e a inauguração da Companhia Nitroquímica. Ambas têm forte influência no desenvolvimento do bairro e nas mudanças socioeconômicas.

Para chegar a São Miguel, era preciso acessar o antigo caminho que levava de São Paulo a Mogi e, de lá, ao Rio de Janeiro, via que, em 1928, deu lugar à rodovia São Paulo-Rio. Nesse período, surgiu em São Miguel um setor ligado a serviços e comércio de autopeças, voltado aos veículos que trafegavam pela estrada. Perto dessas lojas, foram sendo instalados mecânicos, borracheiros e autoeletricistas.

No entanto, foi a inauguração da Cia. Nitroquímica, em 1935, que fez com que o bairro tivesse sua feição totalmente mudada, marcando de vez a sua história. Ruas foram se abrindo, inúmeros lotes colocados à venda para construção de casas e vilas, o comércio cresceu. A maioria dos trabalhadores vinha do Nordeste, especialmente da Bahia, chegavam de trem e já iam direto para a Nitro. Muitos deles, analfabetos, acabaram por fazer algum curso no Senai que os habilitava ao trabalho. Dez anos depois de sua inauguração, em 1945, trabalhavam na Nitro cerca de 4 mil pessoas e, em 1949, a população local já era de 7.634 habitantes.

A história da Cia. Nitroquímica está ligada diretamente à construção de duas vilas em São Miguel, a Vila Americana e a Vila Nitro-operária. A primeira foi construída para a moradia dos diretores da empresa e dos técnicos estrangeiros que vieram para a montagem da fábrica e para o treinamento dos brasileiros. A segunda, para os operários com funções estratégicas na produção, como chefias, mestres, vigias, encarregados e operários qualificados.

O mercado local se desenvolveu apoiado, fundamentalmente, no fluxo da população pela rodovia Rio-São Paulo e pela demanda formada pelos salários e pelas necessidades de consumo dos funcionários da Nitro e dos outros operários que moravam na região.



Vila Nitro-Operária, construída para moradia dos operários com funções estratégicas na produção

A Cia. Nitroquímica criou também o Serviço Social, com destaque para a área médica, que acabou por incentivar a abertura das primeiras clínicas médicas e farmácias. Montou um clube, uma praça de esportes, um salão de festas, ou seja, criou uma infraestrutura cultural e social em volta dos funcionários.

As décadas de 1980 e 1990, anos de mudanças econômicas

No início dos anos 1980, a Cia. Nitroquímica passou por sua primeira crise e reduziu muito seus postos de trabalho. Ao longo dos anos 1990, a reestruturação continuou e, apesar dos cerca de 7 mil postos de trabalho que a companhia chegou a gerar, em 2006, funcionava com cerca de 400 funcionários. Paralelamente à sua reestruturação, a empresa foi fechando os equipamentos sociais que haviam sido criados desde sua fundação. As outras grandes indústrias da região fecharam ao longo dos anos 1990, reforçando a redução dos empregos industriais na região.

A chegada das grandes redes também contribuiu para uma mudança na economia local e na dinâmica

de vida da região. Nos anos 1980, chegaram as Casas Pernambucanas, as Casas Bahia, a Riachuelo, que eram muito menores do que atualmente. Os supermercados iniciaram suas atividades nos anos 1990, primeiramente o D'Ávó, rede da zona leste, depois o Carrefour, na sequência vieram Paes Mendonça, adquirido mais tarde pelo Extra, e o Big, instalado na antiga sede da Cia. Lutfalla, que chegou a empregar 200 pessoas.

Assim, progressivamente, o mercado local se reconfigurou. Saudadas inicialmente como representantes do progresso, as grandes redes de varejo desmontaram a estrutura econômica que criava uma elite local e, sobretudo, romperam os vínculos de solidariedade entre a atividade econômica e as práticas socioculturais locais. Manifestações culturais, desfiles e iniciativas de artistas do bairro ficaram sem apoio e sem possibilidades de visibilidade.

A reconfiguração do mercado de São Miguel consolidou o bairro como um dos principais centros regionais de serviços e de comércio do município de São Paulo. Há um fluxo diário de pessoas vindas do extremo leste da cidade e de municípios vizinhos para o centro de São Miguel em busca de mercadorias e serviços, privados e públicos.

Contribui para essa centralidade o fato de São Miguel estar ligado diretamente à Rodovia Ayrton Senna, de ser atendido pela Estação de Trem da CPTM e de ser um ponto de convergência de avenidas que se ligam a outras rotas importantes da zona leste de São Paulo e de municípios vizinhos (Dr. Assis Ribeiro, Jacu Pêssego, São Miguel, Marechal Tito, Nordeste, Dr. José Arthur Nova). Sendo assim, muitas linhas de ônibus convergem para a região, que acaba de ter inaugurado um terminal de ônibus.



**Capela de São Miguel
Arcanjo, patrimônio
histórico na região**

Formação cultural em uma região de muitos povos

Uma foto da Praça Padre Aleixo Mafra poderia revelar uma cidadezinha do interior. Ampla e arborizada, com muitos bancos espalhados, a também conhecida como Praça do Forró, uma homenagem ao povo que se tornou a maioria entre os moradores do bairro, tem, de um lado, a Capela São Miguel Arcanjo e, do outro, a Catedral de São Miguel.

A Capela segue o estilo bandeirante. Uma varanda externa está disposta na fachada e em parte da lateral. É uma marca especial de algumas igrejas brasileiras localizadas em áreas de clima quente e úmido. O ano de fundação – 1622 – está inscrito em uma verga da porta principal.

Esse patrimônio histórico tem guardiões na comunidade. Um deles é Padre Geraldo Antonio Rodrigues, pároco da Diocese de São Miguel. À frente da Associação Cultural Beato José de Anchieta, ele busca manter viva a memória da comunidade em relação a essa página da história do bairro e do país. Em 2009, a capela foi reinaugurada, depois de três anos de restauro. Em 2007, a Associação proporcionou, em parceria com a Fundação Tide Setubal, o curso Santeiros e

Entalhes: Escultura em Madeira, curso em arte com finalidade religiosa ou decorativa, ministrado pelo mestre santeiro José das Mercês Paiva, sob a coordenação da professora Roseli Santaella Stella. Os alunos partiram da técnica de entalhe simples (portais e motivos existentes na Capela de São Miguel), passaram pela produção de peças mais detalhadas (rocalhas, tarjas), até a elaboração de anjos (querubins) com traços barrocos. Hoje, o grupo está envolvido no projeto Santeiros São Miguel, que proporcionará ao visitante da Capela o comércio autorizado de peças em madeira talhada semelhantes às do monumento.

Outros projetos, como a Folia de Reis com a participação de membros de todas as pastorais, movimentos e comunidades, também estimulam o envolvimento e a mobilização da comunidade na preservação da memória e da cultura do bairro.

Assim também nasceu a Associação Amigos da Praça do Forró, que, para manter viva a tradição da população nordestina, busca promover ações de preservação e reivindicar ao poder público atividades culturais na região.

Há, hoje, dois grandes escoadouros da riqueza que circula em São Miguel. Em primeiro lugar, há o lucro das grandes redes, que é mais concentrado do que no período das pequenas lojas e não é reinvestido na região, nem na forma de consumo, nem na de investimento. Em segundo lugar, há os maiores salários gerados na região, que acabam sendo gastos em mercadorias e serviços fora de São Miguel. É uma relação que não fortalece a região e não estabelece vínculos solidários com moradores.

Com a redução dos empregos industriais e o crescimento do desemprego nas regiões periféricas, a população passou por uma redução de seus rendimentos, desemprego e empobrecimento que desencadearam dois processos simultâneos: a expansão das áreas favelizadas e a explosão do comércio de rua. Hoje, em São Miguel, a quantidade e a organização do

comércio de rua impressionam. As barracas na região central vendem softwares, CDs e DVDs piratas, calçados e vestuários sem etiqueta ou com etiquetas de marcas famosas. Muitas pessoas se deslocam para o centro de São Miguel pelo que lá eles podem comprar. Independentemente da origem, se é uma loja formalizada ou uma barraca de camelô, existe na ação o simbolismo do prestígio social.

Raio X de São Miguel

São Miguel conta com uma população de 410.514* habitantes

A Diretoria Regional de Ensino** de São Miguel conta com:

40 Escolas Municipais de Ensino Infantil (EMEIs), 47 Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs)

39 Centros de Educação Infantil (CEIs) e 86 CEIs conveniadas a 4 Centros de Educação Unificada (CEUs)

47 Escolas Estaduais

Além disso, conta com 13 Centros de Juventude, 5 Clubes da Comunidade (CDCs), 2 Bibliotecas Públicas, 1 Casa de Cultura, 1 Oficina Cultural e 6 Telecentros.

O setor público de saúde conta com o Hospital Tide Setúbal, 16 outras unidades, dentre as quais Unidades Básicas de Saúde e Ambulatórios de Especialidades, além de 30 equipes do Programa de Saúde da Família.

*www.prefeitura.sp.gov.br (http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758)

**A Diretoria Regional de Ensino de São Miguel inclui os bairros de São Miguel e Itaim Paulista.

2

Fundação Tide Setubal, a participação comunitária e o desenvolvimento local sustentável em São Miguel Paulista



E

m 2006, a Fundação Tide Setubal iniciou suas ações diretas no território de São Miguel Paulista, zona leste, São Paulo. Sua missão: contribuir para o desenvolvimento local de forma sustentável e atuar para o empoderamento da população e a construção da cidadania, buscando melhoria na qualidade de vida no território. A chegada, como destacado anteriormente, foi realizada com base em pesquisas e estudos para identificar demandas que pudessem revelar uma São Miguel Paulista desejada por sua comunidade.

Alinhada a isso, a Fundação realiza ações, que serão apresentadas ao longo deste capítulo, baseadas em um conceito de desenvolvimento local sustentável, concebido como um processo pelo qual a riqueza socialmente gerada e as relações sociais estão orientadas para a satisfação das necessidades pessoais, realização e expansão de potencialidades e ampliação de liberdades. A igualdade, também fundamental nesse

processo, deve ser vista como o acesso aos meios de vida – materiais e simbólicos – bem como as relações necessárias para as pessoas realizarem seus projetos. E a democracia como a participação da sociedade nas decisões coletivas e a consolidação do espaço público como local para diferentes vozes e expressões.

Com base nesses valores, para a Fundação Tide Setubal o desenvolvimento local sustentável deve ser: socialmente justo, economicamente ativo e competitivo, ambientalmente responsável, politicamente democrático e culturalmente diverso. O que significa dizer que o desenvolvimento local sustentável é definido:

- pela equidade e igualdade de condições ao cumprimento dos direitos civis e políticos;
- pelo direito ao trabalho criativo e humanizador e acesso aos bens e serviços; para uma vida digna e realização das necessidades e potencialidades das pessoas;
- pela relação sustentável com os recursos naturais e a preservação de um meio ambiente saudável e a construção e consolidação de espaços que

possibilitem, valorizem e estimulem as relações sociais humanizadoras;

- pela participação efetiva e pelo reconhecimento dos indivíduos de sua importância nas discussões que são travadas na vida pública, as suas necessidades, os seus sonhos, os seus projetos, as suas expectativas. A participação, assim, passa pelo reconhecimento de que as pessoas estão implicadas e envolvidas nas discussões, nas relações de poder e nas resoluções que se estabelecem em diversos fóruns da sociedade;
- pelo acesso ao patrimônio cultural socialmente valorizado e condições para que o patrimônio cultural dos diferentes grupos sociais possa ser atualizado e integrado tanto no presente quanto no futuro. Incluem-se aí as manifestações tradicionais e as mediadas pelo sistema educacional e pela cultura erudita.

A ATUAÇÃO CONJUNTA E AS RESPONSABILIDADES COMPARTILHADAS NA CONQUISTA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL

Para conquistar o desenvolvimento local sustentável, a Fundação Tide Setubal acredita em ações construídas conjuntamente e com responsabilidade para cada setor. A comunidade, como sociedade civil empoderada, o terceiro setor com sua capacidade de experimentação, renovação e agilidade, a iniciativa privada com investimento financeiro em projetos sociais ou com sua capacidade técnica e de gestão, e a participação do Estado forte com seu poder articulador para implementação de políticas públicas. Nesse sentido, a mobilização e articulação desses parceiros no trabalho em São Miguel Paulista contribuem para sua realização no sentido local e também nas conexões com as políticas públicas da cidade, do Estado e do país.

Fazer “com a comunidade” e não “para a comunidade”, por exemplo, é um princípio de atuação em cada projeto ou programa desenvolvido pela Fundação na localidade. O olhar para esse público não os vê como quem receberá um benefício, mas sim como quem pode contribuir na construção de um projeto com seus conhecimentos e também pode ser um multiplicador de uma nova forma de agir dentro da sua comunidade, com conhecimentos ampliados, questionamentos e, acima de tudo, mobilizado para a participação na busca por mudanças mais alargadas para seu bairro.

Diante do cenário de vulnerabilidade e da amplitude das ações necessárias, a Fundação tem consciência do tamanho e também do limite de suas ações, por isso, acredita que é a soma de seu trabalho com o de outras organizações da região que tornará possível resultados mais eficazes, com a formação de redes solidárias de transformação.

A presença do Estado é fator preponderante nas diretrizes de trabalho da Fundação. Existe a preocupação constante de não ocupar o seu lugar e de não desacreditá-lo como agente no contexto do desenvolvimento local. As mobilizações estimuladas pela Fundação em São Miguel buscam sempre proporcionar um encontro de escuta e reflexão entre representantes do poder público e a população, estimulando o diálogo para encaminhamentos e perspectivas concretas de mudanças, com encaminhamentos, prazos e resultados.

Inúmeros são os desafios no atuar conjunto e no compartilhamento das responsabilidades. Na sociedade civil, existem um cansaço participativo e o descrédito, gerados por promessas não cumpridas, por projetos que iniciam suas atividades em territórios vulneráveis e não

os concluem, pela expectativa que se frustra em mobilizações que não trazem resultados. Somado a isso, as necessidades pessoais são inúmeras e exigem resultados imediatos, e ações processuais, com resultados em longo prazo, parecem algo cansativo e pouco palpável. O terceiro setor também apresenta características semelhantes. Organizações inovam, criam projetos diferenciados, têm liberdade de testar modelos, mas, diante das dificuldades de uma gestão profissional, da escassez de investimento e da necessidade de captação de recursos, do atendimento a seu público, dão destaque para: “o meu projeto”, ou seja, têm dificuldades em pensar em ações coletivas, diante de suas próprias necessidades imediatas. De um lado há a diversidade com ações significativas e de outro há a fragmentação. A costura das ações no terceiro setor é um grande desafio, que implica um salto de qualidade em qualquer região do país.

No Estado, busca-se um parceiro capaz de ampliar as ações com bons resultados, um Estado forte, com a capacidade de ouvir e articular em diferentes instâncias da sociedade civil. Para isso, é preciso superar a burocracia da máquina estatal, a morosidade na implementação de ações, a falta de capacidade técnica, de orçamento e de transparência, além da não continuidade política.

AS AÇÕES DA FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL EM SÃO MIGUEL

Considerando a visão de desenvolvimento local sustentável, as ações da Fundação Tide Setubal estão baseadas nos princípios de justiça social e de defesa dos direitos humanos e buscam sempre a articulação com as políticas públicas. Os projetos são voltados prioritariamente para adolescentes, jovens e famílias que vivem em regiões com altos índices de vulne-

rabilidade social. Educação, cultura, comunicação, esportes, lazer, direitos sociais, trabalho e geração de renda são temas trabalhados nos projetos realizados no CDC Tide Setubal e no Galpão de Cultura e Cidadania, espaços públicos que contam com a gestão direta da Fundação, o que possibilita um conhecimento privilegiado das dificuldades e potencialidades da comunidade local, assim como das relações sociais em suas diferenças e especificidades.

O que se apresenta a seguir são ações e resultados que alicerçam o caminho percorrido pela Fundação Tide Setubal e dão a dimensão dos avanços, aprendizados e desafios da contribuição de uma organização não governamental na direção do desenvolvimento local sustentável, sempre com a participação da comunidade local.

1. GESTÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS

Participar da gestão e realizar ações em equipamentos públicos foi uma opção feita pela Fundação Tide Setubal ao pensar sua forma de atuar em São Miguel Paulista. A escolha por não ter uma sede própria seguiu a perspectiva de recuperar espaços públicos, valorizando origem e identidade da localidade e estimulando uma nova maneira de uso, apropriação e pertencimento.

Dois foram os espaços escolhidos: o Clube da Comunidade Tide Setubal (CDC), por meio de uma parceria com a Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (Seme), e o Galpão de Cultura e Cidadania, em parceria com a Sociedade Amigos do Jardim Lapenna, uma organização da localidade.

Clube da Comunidade Tide Setubal

Os clubes da comunidade são espaços da Prefeitura, ligados à Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação, com gestão de organizações da sociedade civil, criados como alternativa de esporte e lazer para a comunidade.

Em 2006, quando a Fundação Tide Setubal passou a integrar a gestão do espaço, o Clube da Comunidade Tide Setubal, localizado no Jardim São Vicente, tinha pouco do conceito original. Era um espaço abandonado com questões sérias de infraestrutura. Possuía uma quadra e um campo em más condições e reunia um grupo restrito de moradores, que usava o espaço apenas para partidas de futebol.

O número reduzido de frequentadores abria condições para diferentes situações de violência e o CDC era mal visto pelos moradores, que não tinham nenhum interesse naquele espaço. Pelo contrário, as mães não queriam ver seus filhos no clube.

A mudança desse cenário aconteceu de forma processual e gradativa e, hoje, é possível identificar uma transformação na cultura e no olhar para o clube. O primeiro investimento nesse sentido foi na reforma, que incluía tanto mudanças na estrutura física quanto no conceito de uso do CDC, com uma proposta de gestão transparente e participativa, além da ampliação das atividades.

A ótica do privado, muito comum na cultura brasileira, se revelou no primeiro momento de gestão. A resistência daqueles que se consideravam “donos” do lugar dificultou o andamento de qualquer proposta para o clube, inclusive aquelas pré-aprovadas por eles. O que se ouvia era um discurso de

apoio em determinado momento, e o de recusa no momento seguinte.

Desses desencontros saiu um grande aprendizado: unir culturas diferentes para um trabalho comum seria um processo acompanhado de questionamentos, realinhamentos e persistência. Outra constatação foi a de que o uso e a ocupação de um equipamento público, que serviam de moeda de troca para lideranças, só sofreriam mudanças com a participação e o empoderamento da comunidade, missão a qual a Fundação Tide Setubal se propõe.

Com a reforma das quadras e das salas, a mudança visual aparecia claramente. O clube estava bonito, organizado, porém pouco frequentado. Havia, ainda, a imagem de espaço abandonado e rejeitado pela comunidade e existia, também, o boicote às ações, como aconteceu no evento de inauguração, quando lideranças assumiam não ter comparecido porque aquela teria sido uma festa da Fundação Tide Setubal.

Várias atividades foram realizadas ao longo dos primeiros três meses após a reforma, mas foi uma iniciativa com o envolvimento da comunidade que trouxe o primeiro sinal da participação, como já mencionamos na apresentação. A elaboração de uma grande festa junina que contou com uma comissão da comunidade para atuar na organização. O grupo sugeriu a programação musical, selecionou as barracas, fez a decoração e convidou a comunidade. O resultado foi um grande arraial com dois dias de festa e muitas famílias presentes. A comunidade reconheceu realmente um novo espaço tanto para celebrar quanto para atuar.

Com a experiência da festa junina, nasceu uma comissão de cultura, formada por representantes da



A proposta de reformar o CDC Tide Setubal transformou sua infraestrutura (acima - antes da reforma e ao lado - depois da reforma) e o seu papel como local de encontro e participação. O repórter Caco Barcellos, entre outros nomes, participaram da programação e conversaram com a comunidade.



comunidade, que passou a ser responsável pela elaboração da programação cultural mensal. Posteriormente, a comissão evoluiu para a proposta do Conselho Consultivo do CDC. Esse grupo, formado por líderes, moradores e representantes locais, reúne-se, mensalmente, para decidir conjuntamente as ações a serem realizadas no clube, e também discutir temáticas que ali aparecem e refletem na ação e no envolvimento de outros equipamentos da comunidade. É uma proposta única entre os CDCs da cidade de São Paulo.

Assim como a gestão, as atividades e o público frequentador do clube tornaram-se amplos e diversificados, fixando o CDC como um polo esportivo, educativo e cultural, de convivência pacífica e de aprendizado.

O Programa Clube Escola, realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Esportes, é uma das ferramentas para essa conquista. Com oficinas semanais de desenho, teatro, circo, dança de rua e esportes, o programa reúne cerca de 700 crianças e adolescentes de escolas públicas da região no contraturno, integrando o CDC, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Pedro de Frontin e o Mini-Balneário Jardim São Vicente, equipamentos públicos que passaram a atuar conjuntamente.

Antes restrito ao futebol, a prática esportiva foi ampliada com a programação oferecida pelo Clube Escola. A grade de horários inclui vôlei, basquete, fu-

tebol de campo, futebol society e ginástica artística, todos com times masculinos e femininos. A diversidade nas modalidades trouxe mais jovens ao CDC e também aumentou a presença feminina no espaço.

A sociabilidade e o respeito entraram em campo com o Projeto Futebol e Cidadania, realizado, durante meia hora após as atividades esportivas. Discussões, mediadas por um psicólogo, que abordam das competições em campo às relações e ações na vida, valorizando as dúvidas, as descobertas e as histórias de cada um. Tudo isso ajudou também a se pensar em espaços de participação esportiva que incluem no calendário do clube eventos esportivos conectados com a programação do município, como a Virada Esportiva, os Jogos da Cidade, e a criação do Festival de Esportes do CDC Tide Setubal.

Projetos como Menina-Mulher, desenvolvido a partir do diagnóstico de que poucas meninas frequentam espaços públicos no município; o Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC), espaço de preservação da memória local; o ArteCulturação, com o núcleo SocioCultural e de Formação de Lideranças, com atividades voltadas às linguagens do teatro; e o Ação Família, com a formação e a mobilização das famílias para a melhoria na qualidade de vida, trouxeram para o CDC um número maior de frequentadores com diferentes interesses pelo aprender. *(Apresentaremos essas ações a seguir em programas e projetos.)*

Além das formações oferecidas pelos programas e projetos, a programação cultural fortaleceu o CDC. Mensalmente, acontecem shows, encontros, exposições e mostras que valorizam as raízes e a origem dos moradores, além de dar espaço para os grupos e artistas da região, destacando a diversidade cultural da localidade. Entre elas, já se tornaram tradição o



Encontro de Hip Hop, realizado anualmente no mês de março; o Encontro de Cultura Caipira, que sempre acontece em junho; e a Feira do Livro do CDC Tide Setubal, realizada em novembro. Os dois últimos chegam a reunir cerca de 5 mil pessoas em três dias de evento.

Outra diretriz da programação cultural é o estímulo ao debate e à participação da comunidade na discussão de questões relativas ao bairro. Além dos encontros nos quais sempre se procura ouvir, compartilhar e abrir espaço para os artistas locais com mostras de audiovisual, mostra de artes, saraus jovens, constantemente realizam-se discussões capazes de conectar as produções e as demandas locais com as políticas da cidade, não permitindo o isolamento de São Miguel. Temas como as mudanças nas leis de incentivo à cultura, as produções culturais na cidade, a profissionalização dos gestores de cultura, a cultura popular no universo educativo geraram debates ricos com trocas de experiências e aprendizados.



Minha filha participa de tudo, teatro, vôlei, hip-hop, basquete. Acho ótimo e sempre estou aqui no CDC para acompanhar. Como não há muita opção de lazer no bairro, a gente vem de segunda a sexta.”

Zilbete Nobre de Melo, 38 anos, moradora de São Miguel Paulista, mãe da aluna Shayenne Nobre, 10 anos

Esses encontros lançaram um novo olhar para o CDC Tide Setubal, que passou a ser visto pela comunidade como um polo irradiador, no qual os encontros, as reflexões e as ações são possíveis. O

CDC Tide Setubal é hoje o espaço de mobilização com encontros do Movimento Nossa Zona Leste, que conquistou a Universidade Federal da Zona Leste, do Fórum de Revitalização do Mercado Municipal de São Miguel Paulista, entre outras ações (*leia mais em Mobilização e Articulação*).

Seja para usar a quadra, acessar a internet no telecentro, para participar de um debate ou apenas se reunir com os amigos para um bate-papo, o CDC se transformou no local de encontro e participação das famílias de São Miguel, fazendo jus a seu nome de Clube da Comunidade.

Galpão de Cultura e Cidadania

Localizado próximo à Rodovia Jacu Pêssego, o Jardim Lapenna é um bairro desprovido de espaços públicos para a comunidade. Não há equipamentos voltados para o esporte, lazer, cultura ou saúde. Inserido nesse contexto, o Galpão de Cultura e Cidadania é um espaço de trocas de saberes, estimuladas por ações culturais e educativas. A proposta nasceu da parceria da Fundação Tide Setubal com a Sociedade Amigos do Jardim Lapenna, organização social que atua no bairro. O trabalho teve seu ponto de partida em 2006, quando a Fundação chegou ao território com a proposta de atuar na localidade e encontrou esse parceiro com a ideia de construção de um Galpão, após a doação de material da estrutura do Clube da Nitroquímica, local desativado onde se realizavam festas para os trabalhadores da empresa, muitos deles moradores do Jardim Lapenna.

O material do galpão original não pôde ser usado, mas a ideia de construir outro espaço de cultura para a comunidade serviu de alicerce para essa parceria, que acontece em longo prazo, com culturas diferen-

tes, exigindo uma articulação com bom senso, escuta e realinhamentos constantes.

O Galpão está no centro da comunidade e reúne adolescentes, jovens e suas famílias em atividades de formação, como as oficinas de construção de instrumentos musicais no Núcleo de Formação de Música e Luteria; de comunicação no Núcleo de Comunicação Comunitária São Miguel no Ar; de reflexões sobre temas da juventude no Espaço Jovem; e de atividades relacionadas à qualidade de vida e aos direitos sociais no Programa Ação Família. É também um ponto de encontro cultural com eventos como Festa Junina, Encontro de Sanfoneiros, entre outros.

Em 2009, o Galpão passou por uma ampliação com a construção de um novo módulo com salas mais

amplas e com a instalação do Ponto de Leitura e também da Oficina Escola de Culinária, com equipamentos e instalações de uma cozinha industrial.

O Ponto de Leitura ajudou a Fundação Tide Setubal a realizar um antigo desejo das crianças do bairro apresentado logo no início das atividades no Galpão de Cultura e Cidadania: elas queriam aprender a ler.

Com acesso a mais de 1.500 títulos, o Ponto de Leitura Jardim Lapenna, uma parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, surgiu no cenário do Jardim Lapenna como alternativa para uma realidade sem livros. Segundo levantamento do Movimento Nossa São Paulo, a região de São Miguel Paulista não tem acervo disponível para o público infanto-juvenil. Em seis meses de atividade, o Ponto contabilizou 301 pessoas cadastradas e 4.601 retiradas de livros.

Outra opção de formação e convivência no Galpão de Cultura e Cidadania é a Oficina Escola de Culinária Jardim Lapenna. Com a proposta de criar oportunidade de geração de renda para os moradores do bairro, oferece diferentes cursos gratuitos e abertos à comunidade, ministrados pelo Sesi. Nos seis primeiros meses de atividades, 150 pessoas participaram das formações.



“Adorei o Ponto de Leitura aqui perto de casa. Meus filhos frequentam, vivem pegando livros, e sinto que estão até melhorando na escola. O mais velho já sabe ler até melhor do que eu, que curso o supletivo. Eu pego carona e leio também, inclusive para o mais novo.”

Sandra dos Santos Soares, 39 anos, moradora do Jardim Lapenna há oito anos

2. EMPODERAMENTO E PARTICIPAÇÃO

A construção da cidadania é parte integrante da missão da Fundação Tide Setubal. Para isso, investe no empoderamento da comunidade. Empoderar jovens, adultos, moradores ou lideranças é impulsioná-los a acreditar na participação de cada um como força para mudanças sociais que possam levar ao desenvolvimento.



GALPÃO
de Cultura e Cidadania



Troca de saberes com a comunidade,
aprendizado e encontro com a cultura
no Galpão de Cultura e Cidadania.



Um dos caminhos para esse empoderamento é a formação. Por meio de programas e projetos, a Fundação procura estimular não só o aprendizado e a ampliação do repertório cultural, mas também o olhar crítico, a troca de experiências, a atitude e o diálogo. Assim como acontece em qualquer processo educativo, os resultados são parte de um processo longo, mas é fundamental construir esse caminho.

A seguir, apresentamos os programas e projetos desenvolvidos pela Fundação Tide Setubal. Eles são realizados no CDC Tide Setubal e no Galpão de Cultura e Cidadania, mas seus resultados refletem diretamente na comunidade de São Miguel Paulista.

Ação Família

Ampliar a autonomia e contribuir para a melhoria na qualidade de vida das famílias de São Miguel são diretrizes de atuação do Programa Ação Família São Miguel Paulista. Criado em 2006, o programa, inspirado na ação da Secretaria Municipal de Assistência Social e adaptado pela Fundação, oferece atividades socioeducativas baseadas em três eixos: vida em família, família em comunidade e direitos e deveres. Nos dois primeiros anos de atividades, educação, saúde, trabalho e renda, habitabilidade, documentação, dinâmica familiar foram dimensões que direcionaram os eixos do programa.

Nesse período, a equipe Ação Família atuou no Jardim São Vicente, Jardim Lapenna e Jardim Pantanal e buscou estabelecer vínculos e fortalecer os integrantes das 300 famílias inscritas para melhoria de sua relação intrafamiliar. Para isso, os grupos em cada um dos três núcleos de atendimento participaram de reuniões socioeducativas para refletir sobre temas como educação dos filhos, o diálogo e as re-

lações entre os membros da família, cuidados com a saúde, organização da casa, higiene, bem como possíveis encaminhamentos nos âmbitos coletivos, como acesso e uso de equipamentos públicos, locais de emissão de documentos e cadastramento para serviços gratuitos, entre outros.

Visitas domiciliares serviram de ferramenta para uma compreensão de questões específicas de cada família. Muitas participantes relataram como a visita se tornou algo fundamental por ser um momento único de escuta e acolhimento, com alguém que teria tempo para ouvi-las e orientá-las. Essa aproximação, alinhada às diferentes discussões em espaços coletivos, mudou o olhar das mulheres para si mesmas com aumento de autoestima e de sua postura como mediadora das relações em casa.



Em 2009, o Programa Ação Família São Miguel recebeu, da Câmara Municipal de São Paulo, Menção Honrosa no Prêmio Betinho de Cidadania, concedida a organizações sem fins lucrativos que desenvolvem iniciativas em prol da cidadania e pelo combate à fome e à miséria na cidade de São Paulo.

Outros resultados foram analisados por uma avaliação realizada por consultoria externa. Na área da saúde, houve aumento do número de famílias que adquiriram cartão do SUS, acessaram o atendimento médico e também ginecológico. Destaca-se, também, o alto índice de acessos a acompanhamentos odontológicos, proporcionados por uma parceria com a empresa Odontoprev. A presença das famílias nos mutirões de saúde, realizados pela equipe da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo com o projeto Educa São Miguel, também revelou uma preocupação maior com diagnósticos na área da saúde.

Em relação à documentação, atualizações cadastrais, realizadas por meio de mutirões, revelaram o crescimento de famílias que conseguiram emitir certidões de nascimento e RG de crianças e adolescentes, registros que representam o reconhecimento do indivíduo como sujeitos de direitos. Na área de educação, as intervenções temáticas nas reuniões socioeducativas resultaram no retorno de um terço dos adultos das famílias às salas de aula. Muitos deles integraram os grupos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), atividade realizada pelo Sesi, no Galpão de Cultura e Cidadania.

Durante esse período, sob a perspectiva do fortalecimento dos participantes e com apoio da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento (SMA-DS), o Programa adotou a política de transferência de renda com uma bolsa-auxílio mensal de R\$ 50. Em dois anos, foram transferidos R\$ 332.400 que possibilitaram, principalmente, o acesso ao consumo, 49,3% declararam usar a bolsa para compra de eletrodomésticos, 36,2% para móveis e 14,5% para gás de cozinha, alimentação e aluguel.

No biênio 2009/2010, o Programa passou a orientar

suas ações com foco na emancipação. Nesse sentido, as atividades têm como objetivo trazer as famílias inscritas para debater questões em espaços de compartilhamento e reflexão para, futuramente, projetá-las para a realidade da comunidade, buscando, por meio do empoderamento, soluções e encaminhamentos para mudanças ampliadas e coletivas.

Nesse alinhamento, as reuniões socioeducativas estabelecem-se como intervenção central e estratégica do Programa, pois, a partir das reflexões ali realizadas, se configuram articulações para as demais ações, como reuniões temáticas, terapia comunitária e cursos.



Fiquei sabendo de muita coisa boa aqui nos cursos, e não só na cozinha. As novas amizades também são muito importantes. E a professora é excelente, a gente não pode se esquecer dela. Vou levar comigo para sempre todas as amizades que fiz aqui."

Flávia Martins, 34 anos, moradora da Vila Nair e integrante da Oficina Escola de Culinária

O Programa busca, também, criar oportunidades de formação para as famílias com cursos direcionados à atuação profissional dos moradores do território, contribuindo para geração de renda, essencial para emancipação. A Oficina de Operário da Construção Civil, realizada em parceria com a Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), formou 29 profissionais com aprimoramento técnico e certificação, que proporcionaram o acesso ao trabalho formal para 15% dos alunos, além do aumento no valor da diária recebida por aqueles que trabalham como autônomos. Nas atividades da Oficina Escola de Culinária, com 123

pessoas certificadas, 83% dos inscritos visam abrir um empreendimento na área, sendo 32% com a família. Já a oficina de customização de roupas aprimora as técnicas de corte e costura, complementando a renda familiar.

No sentido da mobilização para conquistas para o bairro, o movimento toma forma e força em diferentes ações. Uma delas, relacionada ao meio ambiente, conquistou a coleta de lixo para a comunidade (*leia em Mobilização e Articulação*). Outras ainda estão sendo desenhadas em encontros mensais nomeados como Fórum Permanente dos Movimentos do Jardim Lapenna, União e Vila Nova e adjacências, nos quais as famílias discutem suas demandas, formam comissões e conversam com representantes do poder público em busca de soluções.

ArteCulturAção

Chamado de Crer, Ser e Fazer, quando iniciou suas atividades em 2006, o projeto ArteCulturAção foi uma das primeiras ações de mobilização pela cultura realizadas pela Fundação Tide Setubal no território no Jardim Lapenna e no Jardim São Vicente.

O projeto propunha oficinas de percussão e teatro com uma metodologia diferenciada. O conteúdo era criado, enriquecido e ampliado a partir da experiência de vida e dos saberes de seus participantes.

A origem da família, os hábitos e os lugares de diversão no bairro se transformavam em referências para abordagens práticas e teóricas. A metodologia da auscultação social embasou essa escuta, que nem sempre se origina no falar diretamente, mas num jeito de olhar ou até mesmo no “não falar”, exigindo uma aproximação ainda maior para conhecer as referências de cada um.

Mas de qual cultura estamos falando? A cultura da TV, a cultura de São Miguel, a cultura nordestina? O projeto se propõe a falar de todas elas, conectadas, misturadas, significadas e transformadas, colocando-as, não como o fazer artístico, mas como um patrimônio de cada um, que, unido num espaço coletivo, se transforma em uma cultura ainda mais alargada. Encontros sobre música e teatro foram cenário para debates sobre história, sociedade, cultura. As oficinas de percussão, ritmo inicialmente associado à “macumba” pelos moradores quando ouviam os tambores, ganhou outro sentido após discussões e apresentações sobre sua origem, percursos e expressões atuais. O teatro, com foco na dramaturgia, deu espaço para textos escritos pelos participantes e ganhou as ruas, as calçadas e as praças como palco.



O que aprendi aqui foi não só tocar e construir instrumentos, mas como respeitar outras culturas. Há toda uma magia em transformar o material bruto (madeira, pele) em um instrumento. Está tudo desmontado, e você dá vida às peças.”

Fabiano Magalhães, jovem aprendiz do Núcleo de Música e Luteria

Aliás, a rua, muitas vezes colocada como lugar de perigo e violência, foi explorada como espaço de vivência e sociabilidade, por meio de pesquisa para entender o que havia no bairro, como cenário de apresentações de cortejo, de encenações, integrando as ações do Crer, Ser e Fazer às comunidades onde estava inserida. Essa relação trabalhava também a autoestima dos moradores. De um lado, participantes como produtores de cultura, de outro, amigos e familiares orgulhosos de verem essas produções saírem do bairro onde vivem.

O amadurecimento das ações instigou práticas e vivências culturais ainda mais ampliadas, inspirando, em 2008, a estruturação do ArteCulturAção em três núcleos: Música e Luteria, SocioCultural e Formação de Lideranças, todos com a mesma metodologia e o sentido de mobilização pela cultura.

No Núcleo de Música e Luteria, jovens passaram a participar também de atividades nas quais aprendem o ofício da construção de instrumentos, sob a perspectiva do aprendizado, da multiplicação e, também, geração de renda, com união de estudos teóricos sobre matrizes socioculturais e o papel dos ritmos nos grupos étnicos e o uso de diferentes tipos de materiais, como canos, couro e cordas para a construção de alfaias, pandeirões, chinelofones e rabecas, instrumentos tocados por eles.

Os ritmos e os sons do Núcleo se propagaram pela comunidade de São Miguel com a atuação de jovens do Núcleo como educadores aprendizes. Eles multi-

plicam o aprendizado por meio de oficinas semanais com 40 crianças do Núcleo Socioeducativo da Sociedade Amigos do Jardim Lapenna, que conheceram os instrumentos e aprenderam a tocar: o coco, a ciranda e o *funk*, todos em ritmo de percussão.

Em 2009, após dois anos do início das atividades, o Núcleo reformou sua oficina e ganhou uma estrutura maior e mais tempo de funcionamento. Com isso, foi possível ampliar o aprimoramento dos instrumentos e a apropriação do uso do espaço. Com o amadurecimento do Programa, entre os jovens aprendizes surgiu um novo olhar para o aprendizado, conectando-o à geração de renda, ao empreendedorismo e à profissionalização. Em 2010, o grupo inicia essa trajetória com um curso de empreendedorismo no Sebrae. O Núcleo também se fortalece como espaço de formação e oficina com uma nova metodologia que oferece módulos formativos para grupos culturais e artesãos da comunidade.

Já no Núcleo SocioCultural, além da dramaturgia, linguagem inicialmente trabalhada pelo projeto, cenário, figurino, roteiro, sonoplastia e iluminação foram estudados e analisados como elementos de produção teatral. Nesse caminho, as reflexões dos jovens têm espaço para transformar suas próprias histórias.



É uma possibilidade real de começar a ter renda. Podemos vender cada instrumento numa faixa de R\$ 400. É uma perspectiva bacana, basta a gente querer e ir firme.”

Renato Oliveira, jovem aprendiz do Núcleo de Música e Luteria



Atualmente, o grupo produz um espetáculo por semestre apresentado à comunidade e já se transformou também em livro, publicado pela Fundação Tide Setubal (*veja em Sistematização*).

Em 2010, além da formação aos iniciantes, o Núcleo criou módulos formativos nas diferentes linguagens para fortalecer os grupos culturais que já existem na comunidade de São Miguel Paulista e também inserir uma perspectiva de atuação profissional, por meio do conhecimento, uso e aperfeiçoamento dessas técnicas.

Com a proposta de contribuir para a ampliação de conhecimento de gestores, líderes e moradores envolvidos em ações comunitárias, nasceu o Núcleo de Formação de Lideranças. Desde sua origem, esse Núcleo trabalha as diferentes leis de incentivo, as experiências inovadoras em projetos, o papel dos movimentos sociais, propostas de captação e mobilização, entre outros temas. Desse grupo saiu o projeto de Revitalização do Mercado Municipal de São Miguel Paulista, antigo sonho da comunidade, que ganhou apoio do arquiteto Ruy Ohtake com o projeto da obra.

Em quatro anos de atuação, o ArteCulturAção forma, provoca e envolve seus atores na construção de sua cidadania cultural, usando as linguagens culturais como um pretexto para o conhecimento e reconhecimento de seu patrimônio e o alargamento da cultura local para a global, colocando-a como um direito social a ser conquistado como parte integrante do desenvolvimento.

Centro de Pesquisa e Documentação São Miguel (CPDOC)

É impossível pensar na atuação em determinada comunidade sem conhecer sua história, e essa descober-



Em 2009, o CPDOC foi reconhecido com Menção Honrosa no Prêmio Milton Santos por contribuir e ampliar os direitos territoriais e culturais dos cidadãos. Na foto, jovem registra o território em expedição pelo bairro, formação do CPDOC focada na memória local.

ta vai muito além do que pode ser visto a olhos nus. Memórias, conhecimentos, narrativas, valores, sentimentos formam o patrimônio material e imaterial de um lugar, refletindo sua cultura e sua identidade.

Para conhecer São Miguel, significando e ressignificando seus momentos, a Fundação Tide Setubal direcionou suas ações na criação do Centro de Pesquisa e Documentação São Miguel Paulista (CPDOC). O espaço não só reúne um acervo rico em fotografias, depoimentos e entrevistas, como também investe na formação de jovens para manter vivo o patrimônio da localidade.

O CPDOC não nasceu com esse nome. Sua origem está no projeto São Miguel Paulista e Brasileiro, realizado em 2006. Nele, jovens de escolas públicas da região foram formados como pesquisadores socio-

culturais para resgatar a história do bairro, por meio do depoimento de seus moradores e lideranças de diferentes áreas. Para isso, eles participaram de oficinas de fotografia, aprenderam a fazer entrevistas, gravar depoimentos, criar e preservar acervo fotográfico.

Muitos desafios apareceram. O primeiro deles está na essência das ações do CPDOC: o entendimento da memória social do bairro. Existe a cultura que dá valor apenas à história escrita por autores conhecidos e renomados, e essa mudança de olhar foi fundamental tanto para os jovens pesquisadores quanto para a própria comunidade, que passa a se perceber como personagem e como fonte. O resultado dessa fase do projeto está em um caderno, publicado com a história do bairro, e também em um banco de dados com fotos, depoimentos, entre outros materiais.

Em 2007, o projeto deu continuidade às pesquisas e voltou seu olhar para a cultura de São Miguel. A partir do banco de dados criado no ano anterior, os jovens foram pesquisar costumes e manifestações culturais, com base nos relatos e depoimentos de moradores e produtores locais. O registro das descobertas dos jovens se transformou na publicação *Almanaque: Um Olhar sobre São Miguel, Manifestações Culturais, Ontem, Hoje e Amanhã*, lançado em 2008 e distribuído gratuitamente para moradores, organizações não governamentais e escolas públicas da região.

Nesse mesmo ano, aconteceu a criação do CPDOC. Diferentemente de outros espaços que trabalham com documentação, o CPDOC não só reúne o material como atua constantemente na ampliação da memória local com: coleta de depoimentos de moradores e lideranças locais em áudio e vídeo, mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais do bairro, produção de vídeos de eventos locais e da região.

Com sede localizada no CDC Tide Setubal, aberta à comunidade, o CPDOC tem como meta e desafio o reconhecimento da população para sua atuação, pois, apesar de ter realizado ações em parceria com outras instituições da região, esse reconhecimento passa pelo aumento da participação dos moradores na construção da memória do bairro.

Um dos caminhos é o estímulo à formação de pessoas atentas para essa construção. Mensalmente, o CPDOC realiza curso de fotografia e vídeo, direcionado para a produção e leitura de imagens, sempre alinhadas à memória. Atua, também, com projetos direcionados aos professores de escolas da localidade, na perspectiva de levar a prática da preservação da história local também para as salas de aulas.

A troca com pesquisadores, estudiosos e curiosos também é estimulada pela internet. O CPDOC possui um blog (<http://cpdocsaomiguelpaulista.blogspot.com>) no qual disponibiliza parte do seu acervo e se conecta a outras redes de interessados na preservação da memória social de uma localidade.

Em 2009, o projeto foi reconhecido com Menção Honrosa no Prêmio Milton Santos, oferecido pela Câmara Municipal de São Paulo, por contribuir e ampliar os direitos territoriais e culturais dos cidadãos, inclusive o direito ao entorno, o qual prevê a interação do morador com os processos de organização do espaço, que têm impacto sobre o modo de vida local. É também membro da Brasil Memória em Rede.



Mundo Jovem

Quando iniciou suas atividades no CDC Tide Setubal, em 2006, a Fundação Tide Setubal constatou em uma pesquisa a pouca presença do público feminino em equipamentos públicos das comunidades de alta vulnerabilidade. A ausência era justificada pela obrigação com os afazeres domésticos, na maioria das vezes reservados a elas, e também ao cenário de violência desses espaços.

Diante desse diagnóstico e também da intenção de trabalhar com a juventude e diversificar a frequência do público do CDC, tornando-o um espaço de convivência, nasceu o projeto Menina-Mulher, que trata de temas como: sexualidade, o feminino e a cultura, entre outros. No primeiro ano, 40 jovens participaram das atividades.



Trabalhar com jovem é um desafio. Fui em busca de novos conhecimentos. O Mundo Jovem complementou minha formação acadêmica e melhorou minha prática. Passei a olhar mais as questões sob a ótica dos jovens.”

Elidiane Soares dos Reis, aluna de Psicologia da Unicsul

Com a experiência do Menina-Mulher, a equipe buscou aprofundar e compreender as demandas e a dinâmica da juventude no território de São Miguel. Em pesquisas, estudos e visitas a projetos da localidade, foram identificadas duas visões sobre a juventude: o adolescente como sujeito ligado a riscos sociais (como vítima ou como autor), ou o adolescente em momento de transição para a vida adulta. Essas visões indi-

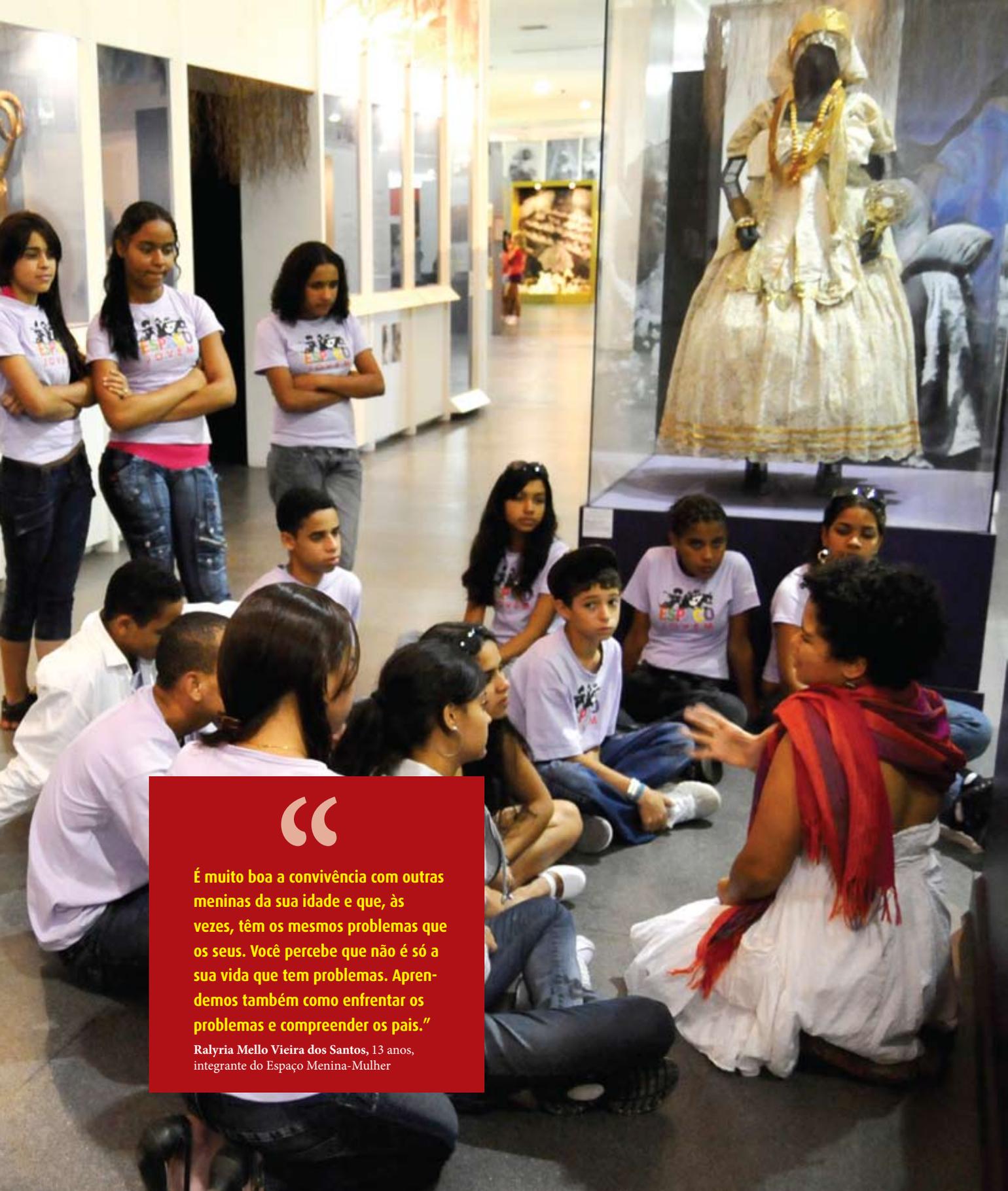
cavam a realização de ações preventivas e atividades profissionalizantes, preparatórias para o futuro.

Pensar o jovem em seu momento atual de vida, seus pontos de vulnerabilidade e suas potências, entender suas demandas para instrumentalizar a construção e a sustentação de um projeto de vida, apoiado simultaneamente no desejo individual e na realidade social, formaram, então, as bases para o percurso para os anos seguintes.

Norteados por essa concepção, o projeto ganhou formato ainda mais elaborado, no biênio 2007/2008, com oficinas que usaram linguagens como teatro, filmes, música para discutir os temas identidade e diversidade, corpo e sexualidade, família e drogas, mundo do trabalho e cidadania.

Nesse mesmo período, foi criado o projeto Futebol e Cidadania com o desafio de atingir jovens frequentadores do CDC. O projeto levou a campo, após os treinos, exercícios de participação coletiva e letramento com momentos de reflexão com a metodologia adaptada ao contexto esportivo. Essa proposta ajudou o projeto a elaborar e aprofundar ainda mais seus conceitos e princípios de atuação.

Com isso, era hora de mobilizar os jovens da comunidade para a formação não só de grupos com meninas, mas também com turmas mistas, para o projeto que recebeu o nome de Espaço Jovem. Duas estratégias foram adotadas: formar grupos no Galpão de Cultura e Cidadania e CDC Tide Setubal e levar o Espaço Jovem para uma escola pública, com o objetivo de compartilhar essa nova metodologia em outros equipamentos onde os jovens estavam presentes.



“

É muito boa a convivência com outras meninas da sua idade e que, às vezes, têm os mesmos problemas que os seus. Você percebe que não é só a sua vida que tem problemas. Aprendemos também como enfrentar os problemas e compreender os pais.”

Ralyria Mello Vieira dos Santos, 13 anos,
integrante do Espaço Menina-Mulher

Quando iniciou a divulgação, a equipe se viu diante do desafio da comunicação. Os jovens não entendiam o projeto. Não é profissionalizante, não é preventivo, não vamos apresentar nada no fim do ano, o que vamos aprender lá? É terapia? Os referenciais presentes na cultura local impediam a compreensão. A curiosidade por algum tema apresentado, como a sexualidade, ou o interesse de algum amigo eram os principais fatores para inscrição.

Após a chegada ao projeto, o desafio era manter o jovem participante. A proposta de um espaço onde ele pudesse colocar suas ideias, ser ouvido e ter atenção provocou um estranhamento em muitos deles, por isso, no percurso, havia desistências. As famílias também não compreendiam em um primeiro momento, pois não era um curso de formação profissionalizante; além disso, não havia pagamento de bolsa-auxílio, o que, em alguns casos, funciona como um estímulo à permanência.

As mudanças aconteceram com o estabelecimento de vínculos de confiança. Encontros com os pais para abordar a forma de trabalhar e a transformação na postura dos jovens com mais diálogo, tolerância e reflexões, em longo prazo, revelaram o impacto do programa, que passou a receber apoio, por ser reconhecido como um projeto que desenvolve habilidades de participação coletiva, baseadas no fortalecimento das reflexões críticas dos jovens e de uma postura rumo à transformação social. Esses resultados podem ser percebidos também na divulgação dos projetos. Atualmente, o aval dos ex-participantes traz novos inscritos e famílias procuram a equipe para garantir a participação de seus filhos nos anos seguintes.

Assim como aconteceu com a relação com os jovens, a multiplicação da metodologia nas escolas públicas

também amadureceu processualmente. Na primeira experiência dentro da escola, os alunos receberam a proposta como um aprendizado agregado ao dia a dia, entretanto, no corpo escolar, o projeto parecia isolado, como uma ilha onde os assuntos mais complexos poderiam ser resolvidos, ou seja, as perguntas sem respostas eram “encaminhadas” para o Espaço Jovem.

Ao seguir essa trajetória, a ideia da multiplicação só aconteceria com a presença da equipe da Fundação Tide Setubal dentro da escola, e o desejo era que professores se apropriassem da metodologia não só para a formação de novos grupos, mas para uma nova cultura que interligasse ensinar e aprender.

O redirecionamento do olhar para o Espaço Jovem aconteceu com a criação de grupo de reflexão com os docentes sobre a relação professor-aluno, focando o aprofundamento dessa dinâmica de mediação, construção coletiva de saberes, e o trabalho com temáticas transversais. Aos poucos, a resistência inicial que colocava o projeto como “mais um trabalho” deu lugar à compreensão de uma nova maneira de atuar, com a construção de vínculos construtivos entre professor e aluno, ativando a criatividade e a sensação de potência do professor.





É muito importante trabalhar com os alunos fora do contexto do dia a dia escolar. Acredito que temos que oferecer coisas diferentes. Tenho apenas uma aula por semana com eles e fica o distanciamento. O Espaço Jovem ajudou na aproximação.”

Valéria Justino Vera, professora da Escola Dom Paulo Rolim, integrante da Formação Mundo Jovem

A experiência prática dos projetos somada ao contato com profissionais de outras instituições e equipamentos da região levou à reflexão sobre caminhos para compartilhar experiências. Assim, nasceram as publicações *Mundo Jovem* e *Mundo Jovem: desafios e possibilidades*. A primeira, direcionada a adolescentes e jovens, apresenta de maneira leve e com linguagem clara temas angustiantes dessa fase. Já o livro para educadores reúne propostas de oficinas temáticas que favorecem a convivência, a criação de iniciativas coletivas e a apropriação de novas formações. Foram distribuídos gratuitamente mais de mil kits para escolas e organizações não governamentais em todo o país. Em 2009, a publicação foi finalista do Prêmio Jabuti, na categoria paradidáticos.

O interesse pela publicação e pela metodologia gerou um trabalho de multiplicação no território. Desde o início de 2009, o Programa Mundo Jovem dissemina sua metodologia em formações com professores da rede pública, educadores de organizações não governamentais, profissionais de Unidades Básicas de Saúde e com alunos da Unicsul. Como contrapartida, os participantes formam grupos em suas instituições, onde multiplicam a metodologia Mundo Jovem. Dessa forma, além da ampliação do projeto,

se estabelece uma rede de trocas de saberes entre profissionais que, à medida que se fortalecem mutuamente, criam trabalhos interessantes e inovadores sobre temáticas fundamentais para o desenvolvimento dos adolescentes.

A formação se constitui em encontros semanais onde se compartilham experiências conceituais e práticas, bem como referências e análises sobre os processos de multiplicação do trabalho. Para fortalecer a ação desses profissionais, a equipe Mundo Jovem realiza visitas às organizações para sensibilizar gestores e outros membros da equipe para esse novo modo de fazer.

A união de todas as ações do Programa Mundo Jovem o coloca diante do desafio de criar e sustentar uma rede solidária capaz de fomentar trabalhos inovadores e sustentáveis com adolescentes e jovens, com a perspectiva de apresentar novos elementos para políticas públicas de juventude, embasadas em experiências vivenciadas, analisadas e sistematizadas.

Núcleo de Comunicação Comunitária São Miguel no Ar

Produzir comunicação com o olhar dos jovens foi o ponto de partida para a história do Núcleo de Comunicação Comunitária São Miguel no Ar, realizado no Galpão de Cultura e Cidadania. O início de suas atividades aconteceu em 2007 com apoio do Instituto Votorantim. O projeto realizava oficinas nas quais os participantes podiam experimentar as linguagens da comunicação. Nesse processo, além de técnicas específicas, os educadores provocaram reflexões sobre o papel de cada um no contexto do bairro, da cidade e do mundo.

Uma das ferramentas foi a exploração de territórios. Passeios a pé por São Miguel, e de ônibus, trem e

metrô por São Paulo conectaram os jovens com as questões sociais e culturais do bairro e da cidade, trazendo para o grupo a noção de pertencimento em diferentes dimensões, e também questionamentos sobre o que poderia ser feito para transformar o que não era visto como ideal.

Nesta primeira fase, nasceu como veículo de expressão o jornal *A Voz do Lapenna*, com pautas, entrevistas e fotos alinhadas às demandas e aos desafios do bairro. O interesse por descobrir coisas novas e mostrá-las à comunidade estimulou a re-alização do trabalho, mas transformar o material em texto colocou os jovens diante de dificuldades com a escrita, processo que incluiu na formação as oficinas de letramento e estímulo à leitura.

Com o jornal em mãos e a entrega porta a porta, mais um sintoma: o Núcleo precisava conquistar a comunidade como produtores de comunicação. Afinal, quem eram esses meninos e o que queriam?

O uso de veículos mais comuns à vida dos moradores da comunidade foi o caminho escolhido para essa aproximação e para o entendimento sobre o trabalho. Oficinas de rádio e TV auxiliaram na formação e as produções ganharam as ruas do Jardim Lapenna.

Com uma mesa de som no meio da feira de domingo, no caso da Rádio de Rua, e um projetor instalado na frente de um beco do bairro para as exibições de TV, o grupo realizou diferentes intervenções, abertas por reportagens sempre acompanhadas por uma mesa-redonda, ao vivo, com convidados para debater o tema. Entre eles, lideranças locais, especialistas, representantes do poder público.

Tanto a rádio quanto a TV se estabeleceram como um

veículo de expressão da comunidade. Moradores passaram de espectadores a produtores, indicando temas e até convidados com os quais gostariam de debater. Uma das primeiras ações realizadas foi um programa que contou a conquista da comunidade com a mobilização para a coleta de lixo, que não acontecia no bairro (*veja em Mobilização*).

Esse exercício inspirou os jovens a levarem esse jeito de fazer comunicação também para dentro da escola. Queriam que a comunicação funcionasse como um veículo de aproximação entre alunos e professores. Sete escolas da rede pública estadual e municipal receberam o projeto em 2009 e cerca de 80 alunos e 14 professores se envolveram nas atividades. As primeiras produções nasceram de rodas de conversa sobre qualidade de ensino. Como produto final, os alunos produziram artigos, publicados em um caderno especial no jornal *A Voz do Lapenna*. Uma rádio se estabeleceu em uma das escolas, com programação nos intervalos diários. Metodologia que se multiplicou em seis escolas em 2010 com programas de rádio nos intervalos das aulas.

Vale destacar que o processo dentro da escola foi construído de forma conjunta com os professores, com ausculta sobre ações já realizadas e as possíveis intersecções e adequações. Para a redação dos artigos, por exemplo, foi necessária uma parceria com professores de língua portuguesa, que apoiaram a proposta com oficinas de letramento.

No percurso de três anos de atividade, confiança e diálogo foram fundamentais para o amadurecimento das ações. O aprendizado precisava fazer sentido não só na história de cada jovem, mas também nos envolvidos direta ou indiretamente em suas ações.

A cobrança das famílias pela entrada dos jovens no



“É fundamental que programas como esse sejam estimulados pela Prefeitura, inclusive com a possibilidade de ampliação, na medida em que possamos contar com parceiros tão eficientes quanto a Fundação Tide Setubal, pela responsabilidade, dedicação e capricho no trabalho.”

Marcos Cintra, secretário municipal de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho de São Paulo



mercado de trabalho andou lado a lado com a formação. Compreender a importância de um curso que não era “para arrumar emprego” e que ainda ressaltava a capacidade de discutir ideias e discordar de situações muitas vezes arraigadas na comunidade exigiu muitos encontros.

Um dos caminhos, adotados em diferentes momentos, foi envolver e aproximar os pais e familiares para traduzir sem ruídos os significados e sentidos da formação. Rodas de conversa, oficinas coordenadas pelos jovens e mediadas pelos educadores apresentavam atividades realizadas e mostravam de que forma elas poderiam contribuir para a trajetória futura dos filhos, dentro e fora da comunidade.



Meu filho era como uma plantinha murcha, seca, com a autoestima lá embaixo. Mas, cada vez que ele ia para o Núcleo, ganhava uma folhinha nova e o resultado é que, hoje, ele é uma planta florida. Ele está cheio de responsabilidade e autoestima.”

Amara Figueroa, mãe de André Figueroa, participante do Núcleo de Comunicação Comunitária

A compreensão dos pais em relação à importância desse aprendizado proporcionado pelas formações em comunicação, porém, não amenizava a pressão pela entrada dos filhos no mercado de trabalho. Saber que, se tivessem o seu salário, poderiam contribuir com as despesas da casa colocava uma barreira entre os jovens e o Núcleo. Nesse sentido, a bolsa-auxílio oferecida pela parceria da Secretaria Municipal do Trabalho foi fator determinante para a permanência dos jovens no projeto.

Em pesquisa realizada pelo coordenador do grupo, foi possível detectar que, com o valor da bolsa, as meninas

podiam contribuir com as compras de supermercado. Já os meninos, muitas vezes, usavam para ajudar nas compras de remédios para pais e familiares, além das despesas próprias, como pagamento de banda larga para acesso à internet, compra de livros, roupas etc.

De 2007 a 2010, 70 jovens passaram pelo Núcleo e 70% deles estão inseridos no mundo do trabalho. Nesse percurso, foi possível identificar o interesse dos participantes em procurar um trabalho mais qualificado, fortalecidos por aspectos profissionais lapidados nas oficinas, como capacidade de atuar em equipe, organização, expressão, comprometimento.

O ensino superior também foi uma perspectiva que se abriu para os jovens, 20 deles entraram na universidade. Outro fator de destaque na formação foi o incentivo à leitura. Com as atividades de escrita, análise dos meios de comunicação, entre outros, eles aumentaram a leitura de um para três livros por bimestre.

Em 2010, o Núcleo passa a atuar com um novo formato. Três estagiárias, advindas do grupo que foi formado por três anos, multiplicam seu aprendizado nas escolas envolvidas no Projeto Rede Jovem Comunica, com produções de programas de rádio, transmitidos nos intervalos das aulas, textos e artigos para o jornal *A Voz do Lapenna*, blogs que abordam as discussões e as ações de cada escola, além de atividades conjuntas entre as diferentes escolas para a formação de uma rede de comunicação local. Oficinas de formação abertas à comunidade também estão entre as ações. Uma delas, nomeada do email a rede, apresentou a comunicação pela internet a moradores da comunidade.

O Núcleo estabelece-se como polo irradiador de aprendizado, multiplicando sua experiência em outros espaços de São Miguel.

3. MOBILIZAÇÃO E ARTICULAÇÃO

A atuação da Fundação Tide Setubal pauta-se por um posicionamento político apartidário. Como sociedade civil, acredita no seu papel de mediadora e agente do fortalecimento e interlocução pelas causas e metas da região onde atua. Não quer substituir o Estado e preocupa-se em articular sociedade civil, poder público e mercado, por acreditar que somente com a ação conjunta desses três setores o desenvolvimento é possível.

Nesse sentido, a mobilização de diferentes atores, como moradores, poder público, instituições da sociedade civil, liderança, é fundamental quer seja no contexto mais ampliado para debater, propor e agir por políticas públicas, quer seja na ação de projetos realizados diretamente por ela.

Projeto Meio Ambiente – Mobilização dos moradores pela coleta de lixo no Jardim Lapenna

A comunidade é um personagem essencial na articulação, pois o seu envolvimento a faz descobrir e acreditar que ela pode e deve participar das questões da sua rua, da escola dos seus filhos, do seu bairro, estabelecendo-se uma relação entre ação, articulação e empoderamento. O projeto Meio Ambiente realizado pelo Programa Ação Família traduz essa relação.

Desde 2006, quando a Fundação começou a atuar no Jardim Lapenna, o problema do excesso de lixo nas ruas era evidente, pois não havia o serviço de coleta em todo o bairro.

Buscar o diálogo para descobrir e incentivar caminho para mudança era o desafio da equipe do programa,

que tem como diretriz a qualidade de vida da comunidade por meio de suas próprias ações. A equipe foi às ruas e fez muitas reuniões na calçada, próximo aos espaços de depósito de lixo acumulado, na tentativa de conhecer melhor a questão e envolver os moradores em uma articulação mais ampla.

Pouco a pouco, o grupo de coordenadores do projeto ganhou a confiança dos moradores que se aproximaram, se engajaram e se envolveram em uma campanha de mobilização na comunidade. A mobilização incluiu levar ao poder público a questão e debater conjuntamente uma solução para o problema. O diálogo proporcionou a participação da subprefeitura, o envolvimento da Ecourbis e da Limpurb, e o problema foi amenizado com a implantação da coleta, focada nas questões da localidade. Como os caminhões de coleta tinham dificuldades de acesso às ruas estreitas, foi disponibilizado um caminhão menor, denominado Ecobaby, e a ação contou também com profissionais responsáveis por fazer a coleta em locais onde esse caminhão não entrava, ou seja, foi criada uma dinâmica específica para atender o bairro.

A comissão foi responsável também por uma mudança de hábito entre os vizinhos. Colocação do lixo em dias e horários corretos e de forma adequada e não estacionar carros que pudessem impedir a passagem do caminhão pelas ruas estreitas foram informações divulgadas em uma campanha de comunicação elaborada por eles e também acompanhada no dia a dia para criação de uma nova dinâmica no bairro.

Para comemorar as conquistas, a comissão de moradores propôs uma ação simbólica de embelezamento do Largo Berigan, local onde o lixo era depositado antes da campanha, sem nenhum cuidado. Crianças

e adultos se reuniram e pintaram os muros do local com imagens referentes ao tema meio ambiente. A ação contou com a cobertura do jornal *SPTV*, da TV Globo, com reportagem de Ananda Apple. O encontro foi encerrado com a TV de Rua com vídeo, produzido por jovens do Núcleo de Comunicação Comunitária São Miguel no Ar, mostrando a trajetória do projeto. A partir dessa experiência, o grupo se sentiu estimulado a discutir outras demandas com o poder público.

Movimento Nossa Zona Leste

Há outros exemplos de estímulo aos debates, às reflexões e às ações da comunidade em relação às demandas da região, realizados pela Fundação. Um deles é o Movimento Nossa Zona Leste, inspirado no Movimento Nossa São Paulo. Criado em 2008, o grupo é formado por representantes de organizações não governamentais, associações, lideranças e moradores que se reúnem para discutir e encaminhar projetos para a região. O movimento atua para que a comunidade entenda a importância de compartilhar ideias, trocar saberes e estruturar propostas concretas para serem encaminhadas ao poder público, em um processo de formação, empoderamento e fortalecimento da sociedade civil.

Em 2009, foram mais de 13 encontros. Entre as conquistas o grupo comemorou a chegada da Universidade Federal da Zona Leste, aprovada pelo Ministério da Educação com previsão do início das atividades para 2011.

Revitalização do Mercado Municipal

Outra ação que merece destaque é o projeto de reforma do Mercado Municipal de São Miguel Paulista. Esse desejo, antigo na comunidade, foi resgatado por

participantes do curso de formação de lideranças do Projeto ArteCulturAção, oferecido, anualmente, pela Fundação Tide Setubal. Como proposta final de um curso que foca elaboração de projetos, formulação de orçamentos, inscrição em editais, a reforma do mercado foi o projeto elaborado pelo grupo.



Reunir essas lideranças aqui ajuda a pensar a zona leste como um todo; uma área passa a conhecer a proposta da outra e, juntos, podemos reivindicar para o poder público melhorias para a região.”

Luís França, integrante do Movimento Nossa Zona Leste, sobre o CDC Tide Setubal como espaço de mobilização

A partir desse projeto, a Fundação articulou reuniões com a subprefeitura, mobilizou o arquiteto Ruy Ohtake e diversos políticos da região, que destinaram verbas para a obra. Com a reforma, o Mercado terá uma nova concepção com espaço cultural como local para apresentações de grupos da região, construção de restaurantes com cardápio da região, integrando o Mercado ao circuito cultural do bairro, assim como a Capela de São Miguel Arcanjo, a mais antiga do Brasil.

Nesse percurso, lideranças locais legitimam as ações da Fundação por confiar no seu modo de agir, sem partidarismo e de forma transparente, reunindo diferentes atores na mesma mesa e expondo todos os passos de suas ações, prestando contas e ouvindo seus pares.

Memorial do Migrante

Para manter viva a cultura, as tradições, a memória social dos migrantes que contribuíram para a história

da cidade, a Fundação Tide Setubal articula diferentes instâncias do poder público e da região da zona leste para criação do projeto, que tem duas perspectivas: o espaço virtual com um museu on-line, e também a construção de um espaço físico de acervo e exposição. A ação conta com a participação do Ministério da Cultura, da Secretaria Municipal de Cultura, do Instituto Votorantim, além de lideranças locais.

Curso Pró-Universidade

Por acreditar na educação e na cultura como eixos fundamentais para o desenvolvimento local, a Fundação Tide Setubal, com aporte financeiro e com articulação com a Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria Estadual de Educação, apoiou a criação do curso preparatório Pró-Universidade, oferecido pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), da Universidade de São Paulo — conhecida como USP Leste. Cerca de 900 estudantes iniciaram, no fim de agosto, o curso que busca colaborar para o ingresso de alunos da rede pública de ensino da zona leste no ensino superior. As aulas acontecem em três escolas públicas situadas nos distritos de Ermelino Matarazzo, Itaim Paulista e São Miguel: Valace Marques, Armandinho Righetti e Hugo Takahashi. A iniciativa é um projeto piloto.

4. COMUNICAÇÃO

A área de comunicação está presente na atuação da Fundação desde sua origem com o objetivo de interligá-la à comunidade, aos parceiros, à sociedade civil, estabelecendo um fluxo capaz de informar, mobilizar, multiplicar e manter uma relação transparente com seus diferentes públicos. As ações de comunicação buscam fortalecer a imagem da Fundação como instituição que atua pelo desenvolvimento local e coloca

o tema em pauta, usando diferentes ferramentas para estimular o conhecimento, o debate e as reflexões sobre os diversos aspectos do trabalho realizado.

Para que isso aconteça, a área criou uma dinâmica interna com os programas e projetos, buscando elaborar conjuntamente estratégias e escolher ferramentas capazes de divulgar e traduzir as ações. Nesse sentido, estabelecer uma linguagem adequada voltada para públicos específicos é um grande desafio.

Na comunidade, além da elaboração do material com textos e imagens que mobilizem, coordenadores e suas equipes são parceiros fundamentais das ações comunicacionais, pois estão na ponta do território e conseguem articular abordagens específicas nas escolas, nos clubes, nos centros de cultura e em outros espaços da comunidade, tornando as estratégias de divulgação mais eficientes.

Outra parceria importante nas ações de comunicação em São Miguel se estabeleceu com o Núcleo de Comunicação Comunitária São Miguel no Ar (NCC São Miguel no Ar), baseada na troca de experiências entre a comunicação institucional e o aprendizado dos jovens sobre comunicação comunitária.

Diferentes produções definidas conjuntamente entre as equipes se transformaram em jingles, videoconvites, reportagens, coberturas fotográficas, alinhando as necessidades institucionais ao olhar dos jovens moradores de São Miguel. Nesse sentido, o NCC estabelece-se como uma sucursal com produções de conteúdo diferenciadas, em um misto de linguagens e do modo de fazer comunicação.

Alinhada à diretriz de conectar as atividades realizadas em São Miguel com a sociedade civil e com o

terceiro setor, a comunicação age em duas frentes: na internet e na imprensa.

Entre as ferramentas usadas no espaço virtual está o site (www.fundacaotidesetubal.org.br) que passa por transformações constantes, acompanhando a evolução institucional. Com isso, busca ser uma ferramenta não só para quem deseja conhecer o trabalho, mas dedica-se a manter um vínculo com internautas que querem acompanhar as ações com reportagens e textos de discussão sobre temáticas de trabalho. Um boletim eletrônico, criado em 2009, encaminhado mensalmente, nutre o conteúdo do site e o vínculo com os internautas. O Twitter contribui com essa dinâmica.

Ao observar as estatísticas de visitação, nota-se a eficiência da integração dessas ferramentas para atender tanto quem quer conhecer o trabalho quanto aqueles que desejam acompanhá-lo, com o maior número de visitantes concentrado nas áreas de projetos e notícias. Em 2010, o site passou a reunir os blogs dos projetos, agregando novos conteúdos. Projetos que já usavam a ferramenta, como o Núcleo de Comunicação Comunitária, migraram para o site, e projetos que ainda não contavam com esse espaço foram estimulados a usar a ferramenta, alinhada aos seus objetivos e públicos.

No percurso de sua atuação, a relação com a imprensa está nas metas da comunicação com o objetivo de levar o trabalho a diferentes públicos e tornar a Fundação uma fonte de referência. Entre os veículos de terceiro setor, estabelece-se essa parceria, o que demonstra uma imagem institucional fortalecida. Os jornais regionais também reconhecem essa imagem.

Já na grande imprensa, com gramática e regras pró-

prias, é importante encontrar caminhos de aproximação e de apresentação de propostas de pautas que não reduzam as ações de empoderamento da comunidade e contribuição para desenvolvimento local a uma “mão salvadora” que resgata os jovens e as famílias, apresentadas com o rótulo de carentes.

Conseguir apresentar de forma clara as ações de mobilização e transformação com foco nas potencialidades requer um trabalho de aproximação e de tradução contínuo. As conquistas são em longo prazo. Um dos exemplos está nas ações da área de cultura da Fundação. Ao ampliar o sentido de festa e de espetáculo da programação, inserida anteriormente apenas nos guias e agendas, para pautas com argumentos que explicam o sentido da cultura caipira, é possível abordar a essência da proposta. Em 2010, a jornalista Lélia Chacon publicou no jornal *Brasil Econômico* o artigo *Cultura Caipira além do Bigodinho de Carvão*¹, colocando em debate a importância da cultura caipira para o bairro, para a cidade, destacando como a escola pode abordar o tema sem reduzi-lo a uma experiência folclórica.

Nessa mesma linha, a Feira do Livro 2009 conquistou amplo espaço de divulgação, com comentário de Gilberto Dimenstein, na rádio CBN, e link no jornal *SP Record*, ambos abordaram o acesso e estímulo à leitura proporcionado pela programação do evento em São Miguel, região que conta com baixo acervo literário.

Outras inserções possibilitaram colocar em pauta temas como o desenvolvimento local. A primeira ação para a criação do Fundo Zona Leste Sustentável contou com cobertura exclusiva do jornal *Valor Econômico* na reportagem *Novo Fundo Promete Transformar Biografias dos Jovens de São Miguel*², de Sílvia Torikachvili, que focou nas contribuições econômicas, sociais e cul-

¹ Chacon, Lélia. *Cultura Caipira além do bigodinho pintado a carvão*. *Brasil Econômico*, 21/06/2010.

² Torikachvili, Sílvia. *Novo fundo promete transformar biografias dos jovens de São Miguel*. *Valor Econômico*, 23/10/2010.

turais da iniciativa para a região de São Miguel.

A importância das agentes comunitárias³ como orientadoras de famílias em regiões de vulnerabilidade e da Oficina Escola de Culinária⁴, como possibilidade de geração de renda, se transformou em pautas diferenciadas em grandes veículos.

Esses resultados traduzem a importância de um trabalho em longo prazo. Desde 2009, a empresa de comunicação que presta serviço de assessoria de imprensa mantém uma repórter duas vezes por semana dentro da Fundação, além de suas duas editoras. Essa escolha da área de comunicação proporciona a aproximação interna que amplia o entendimento e qualifica as propostas de pauta e a relação com os veículos.

Nessa trajetória, existem também frustrações nos resultados, com recortes simplificadores, edições que, em alguns casos, distorcem, mas a soma desse caminho traz um grande aprendizado e novas etapas para as ações.

5. SISTEMATIZAÇÃO DE METODOLOGIAS E MULTIPLICAÇÃO DE CONHECIMENTO*

Criar espaços de discussão é uma forma de estimular o exercício de participação democrática na comunidade. Registrar esses eventos e publicar as explanações dos convidados e as discussões com a comunidade é um caminho para ampliar ainda mais esse espaço, levando para outros locais e grupos temas de relevância para o desenvolvimento local.

Em 2010, essa ação foi potencializada com a criação do Núcleo de Estudos e Gestão do Conhecimento. A área tem como objetivo consolidar a geração de conhecimento e fará isso com suporte para a

produção e o registro do saber-fazer da equipe, com vistas à sua disseminação para a sociedade, além de estimular o fortalecimento dos profissionais, disponibilizando informações e saberes de interesse da instituição.

Um dos primeiros resultados do Núcleo foi o lançamento da publicação *Cidadania Viva: Relatos de Práticas Socioeducativas em São Miguel Paulista*. O livro apresenta a história de 22 instituições da região com a proposta de identificar e apresentar as práticas socioeducativas, mostrando seus pontos fortes e os desafios. A ideia é gerar conhecimentos e fazer circular experiências de instituições que estão no mesmo território de atuação, além de estimular as instituições locais a oferecerem seu saber e suas práticas para a rede, bem como a buscar aprender com aqueles que atuam na mesma localidade. Conheça outras publicações da Fundação Tide Setubal.

Almanaque Um Olhar sobre São Miguel Paulista – Manifestações Culturais, Ontem e Hoje

Resultado do trabalho de pesquisa desenvolvido com os jovens do projeto São Miguel Paulista e Brasileiro nos anos de 2006 e 2007, a publicação tem como objetivo ser uma referência de histórias, casos e imagens sobre o bairro, contados de forma leve e fluida de forma a atingir um maior número de pessoas.

Mundo Jovem: Desafios e Possibilidades – Uma Proposta de Trabalho com Adolescentes

Uma sistematização do trabalho nos projetos Espaço Jovem e Espaço Menina-Mulher. Composto por dois livros, tem como objetivo multiplicar e ampliar a experiência com o foco na promoção da autonomia de adolescentes

³ Vallério, Ciza. Trabalho de formiguinha. *O Estado de S.Paulo*, 07/03/2010.

⁴ Carla, Joyce. Entidade trabalha pela geração de renda. *Agora São Paulo*, 24/05/2010.

* Todas as publicações estão disponíveis para download no <http://www.ftas.org.br/ftas/site.php?mdl=publicacoes>.

e jovens, sustentando reflexões coletivas sobre temas como identidade e diversidade, corpo, sexualidade, família, drogas, profissão e trabalho, cidadania. O primeiro tem como público-alvo adolescentes e jovens, o segundo, os educadores. Em 2009, *Mundo Jovem* ficou entre os dez finalistas do Prêmio Jabuti na categoria Paradidáticos.

Cenas: Trajetos, Vivências, Histórias de Ser Jovem

O livro *Cenas: Trajetos, Vivências, História de Ser Jovem* reúne cenas escritas pelos jovens integrantes do Núcleo SocioCultural do programa ArteCulturaAção. Durante um ano, eles trabalharam com as linguagens do teatro por meio do estudo de obras da dramaturgia, além de técnicas de criação de cenário, figurino, iluminação. No processo, a realidade do dia a dia, discutida e contextualizada, se transformou em histórias nas quais os jovens revelaram sua maneira de pensar e perceber o mundo. A publicação reúne 15 cenas elaboradas e escritas pelos educandos ao longo do ano.

Olhar, Ouvir e Tocar – Experiência da Educação pela Arte

O livro apresenta a metodologia do Núcleo de Música e Luteria ArteCulturaAção na construção de instrumentos. A publicação sistematiza o trabalho e apresenta o passo a passo das produções de diferentes instrumentos de percussão e corda.

Cultura: Diálogos para o Desenvolvimento Humano

Registro das discussões realizadas no I Seminário Cultura Diálogo para o Desenvolvimento Humano, no

qual Danilo Miranda, diretor do Departamento Regional do Sesc; Altair Moreira, assessor técnico do Programa Fábrica de Cultura; e Maria Lucia Monte, professora do departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, debateram com a comunidade de São Miguel a centralidade da cultura e a integração das políticas públicas para o desenvolvimento cultural sustentável e o fortalecimento da localidade.

Cultura e Sustentabilidade: Diálogos para a Construção de um Projeto de Desenvolvimento Cultural

As políticas públicas sustentáveis de cultura devem propor ações de integração em todas as áreas e espaços da cidade. Estimular esse debate e dialogar sobre os caminhos recentemente adotados pelo Ministério da Cultura para o Plano Nacional foi a proposta do II Encontro de Cultura e Sustentabilidade.

Realizado pela Fundação Tide Setubal em maio de 2009, em São Miguel Paulista, o encontro contou com a presença de Alfredo Manevy, secretário executivo do Ministério da Cultura, e reuniu moradores, jovens, lideranças e artistas da região em reflexões sobre a importância de políticas públicas de longo prazo, da reformulação das leis de incentivo, do investimento na cultura popular, entre outros temas que reconhecem a cultura como um direito de todos e conectam as demandas, os desejos e as reivindicações na pauta da comunidade, da cidade e do país.

Desenvolvimento Local e Fundações Comunitárias em Áreas Urbanas: Desafios e Oportunidades

A realidade tem mostrado que, para obter sucesso nos processos de desenvolvimento local, é preciso manter

um diálogo constante e construir parcerias efetivas entre os diferentes atores, estabelecendo novos padrões de governança territorial que possibilitem ampliar o alcance e evitar os riscos de gerar ações altamente meritórias do ponto de vista conceitual, mas de impacto extremamente reduzido quando confrontadas com a dimensão dos problemas que se dispõem a enfrentar. Como realizar essa tarefa e qual o papel das fundações comunitárias na instituição desses novos modelos de governança são alguns dos pontos que exigem maior aprofundamento.

Para ampliar a discussão, a Fundação Tide Setubal e o Grupo de Institutos Fundações e Empresas (Gife) realizaram um evento com representantes de organizações públicas e privadas e lideranças comunitárias. Principais desafios, conflitos e pontos de convergência e de sinergia existentes entre os temas do desenvolvimento local e das fundações comunitárias no Brasil geraram um rico debate. O conteúdo está registrado nesta publicação.

6. FORTALECIMENTO INSTITUCIONAL LOCAL

A Fundação reconhece que outras organizações são capazes de contribuir e catalisar mudanças, cada uma fazendo o que sabe fazer melhor. Acredita na soma de forças para a superação de desafios apresentados em diferentes áreas (saúde, educação, habitação, cultura). Por isso, priorizou também entre suas atividades duas ações que contribuirão para o fortalecimento de projetos do território, impulsionando a institucionalidade e sustentabilidade destes.

Edital Fundação Tide Setubal

Um dos desafios das organizações não governamentais está focado no acesso a recursos financeiros para

execução de projetos. Por reconhecer o trabalho de organizações de São Miguel, a Fundação optou por criar, em 2010, um edital de projetos para apoiar de forma sistematizada e alinhada com seus princípios ONGs da região. O foco e o público-alvo do edital são projetos na região que desenvolvam trabalhos de formação para jovens, entre 14 e 25 anos.

No processo de escolha, foram levados em conta os seguintes elementos: potencial efeito multiplicador; vínculos estreitos com as comunidades com as quais as propostas se relacionam; adequação da proposta às necessidades reais da comunidade diretamente beneficiada; idoneidade e legitimidade da organização pleiteante; capacidade técnica da organização para realizar o projeto proposto.

Com o edital, foi possível estimular a elaboração de projetos de uma forma estruturada como acontece em outros editais, mas com foco específico nos trabalhos realizados em São Miguel, Ermelino Marrazzo e Itaim Paulista. Assim, a Fundação buscou proporcionar um exercício concreto entre as organizações: o de pensar a mobilização de recursos em todas as suas etapas.

Dos 31 inscritos, sete receberam a visita de um comitê técnico, com o objetivo de verificar as condições para o desenvolvimento das atividades propostas, e cinco foram selecionados para receber os R\$ 200 mil em recursos.

Durante um ano, as organizações serão acompanhadas por um representante da Fundação, além de participarem do curso de formação de lideranças com módulos de elaboração de projeto, prestação de contas, estudo de editais, comunicação, entre outros pontos importantes para o aprimoramento da gestão.

Comunidade Zona Leste Sustenta, desenvolvimento autônomo produzido pela comunidade

Em contrapartida ao cenário de vulnerabilidade, a Fundação encontrou entre os jovens participantes de seus projetos, nas famílias atendidas, entre os inscritos na Oficina Escola de Culinária, nas atividades articuladas, uma população forte, que se orgulha do bairro, que não deseja mudar-se de lá, mas torná-lo um lugar melhor. A geração de renda é uma das questões que rodeiam as perspectivas futuras dessas pessoas, pois o fator econômico influencia diretamente outras escolhas na vida.

Com a experiência e o contato com diferentes atores dentro dessa comunidade, estudos e pesquisas sobre o mercado de trabalho na região e também a análise

de experiências em outros lugares do Brasil, a Fundação lançou, em setembro de 2010, a Comunidade Zona Leste Sustenta (www.zlsustenta.org.br).

Assim como acontece no ambiente virtual, a comunidade reunirá pessoas com o mesmo interesse: o desenvolvimento da zona leste. A proposta é reunir recursos no Fundo Zona Leste Sustentável, que, por meio de repasse de recursos financeiros, visa impulsionar e fortalecer atividades produtivas que apresentem vínculo consistente com a comunidade do território na busca de trabalho e renda, de forma socialmente mais justa e ambientalmente sustentável.

O Fundo será formado por recursos de doações de empresas, pessoas físicas e instituições que desejam contribuir para a transformação da região. A gestão do Fundo conta com um comitê programático formado pelo Sebrae-SP, a USP Leste, o Fórum de Desenvolvimento da Zona Leste, a Associação Comercial de São Paulo, a Subprefeitura de São Miguel Paulista, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho, a Fundação Tide Setubal, o Instituto Ethos, além de lideranças comunitárias representativas da comunidade local. Os recursos financeiros serão administrados pela Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep), ligada à Universidade Federal de Minas Gerais.

Em 2010, 42 empreendedores da região se inscreveram no edital de convocação, e doze iniciativas foram selecionadas, após análise do comitê programático e de especialistas em segmentos como alimentação, meio ambiente, confecção e comunicação. Os projetos escolhidos* serão incubados pela Unicsul, que fará o acompanhamento e o monitoramento em um comitê formado também pelo Sebrae, que apoia a formação técnica, e a Fundação Tide Setubal.

Novo fundo promete transformar biografias dos jovens de São Miguel

Maria Yukimachi
Para o Mundo de São Paulo

Com quase 400 mil moradores e população de tamanho de uma grande cidade, o bairro de São Miguel Paulista, na Zona Leste da capital, vive em condições semelhantes às de favelas. Quando foi criado, em 1922, quando foi criado, esta perspectiva de futuro de desenvolvimento econômico e social não era levada em conta. Quatro anos depois de ser instalado em São Miguel, a comunidade prepara a criação do Fundo comunitário com o intuito de gerar de geração de trabalho e renda na região.

O desafio pela melhoria da qualidade de vida de sua população é o diferencial do fundo. "Não pode ser apenas o bairro de São Miguel em nome de classe social", afirma Renato Delfino, secretário de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho da Prefeitura de São Miguel, uma das parcerias da Fundação Tide Setubal. Além de comitê comunitário, que participará com planejamento, estratégia e recursos humanos, a Fundação conta com a parceria da subprefeitura de São Miguel, comandada por Diógenes Sandoz. Sua experiência na administração de bairros de periferia, Sandoz explica que é possível realizar várias ações inovadoras, como a criação de espaços de convivência e a criação de um espaço de convivência e de lazer para a comunidade.

Para tanto, a Câmara de Assistência Social, programa de desenvolvimento comunitário pela subprefeitura local, tem um tempo de cooperação com a Fundação para o "empoderamento" da região. "Nossa intenção não é



Maria Alice Sandoz explica que São Miguel, com o diferencial de ser uma comunidade comunitária, prepara a criação do Fundo comunitário com o intuito de gerar de geração de trabalho e renda na região.

nas tecnologias nas experiências com o trabalho comunitário, mas sim, oferecer um espaço de convivência e de lazer para a comunidade. "Mas há também os projetos que trabalham com inclusão e oferta de trabalho em diferentes níveis, que vão desde a geração de renda até a

criação de empresas e cooperativas. O objetivo é gerar renda e oferecer um espaço de convivência e de lazer para a comunidade. "Mas há também os projetos que trabalham com inclusão e oferta de trabalho em diferentes níveis, que vão desde a geração de renda até a

criação de empresas e cooperativas. O objetivo é gerar renda e oferecer um espaço de convivência e de lazer para a comunidade. "Mas há também os projetos que trabalham com inclusão e oferta de trabalho em diferentes níveis, que vão desde a geração de renda até a

criação de empresas e cooperativas. O objetivo é gerar renda e oferecer um espaço de convivência e de lazer para a comunidade. "Mas há também os projetos que trabalham com inclusão e oferta de trabalho em diferentes níveis, que vão desde a geração de renda até a

criação de empresas e cooperativas. O objetivo é gerar renda e oferecer um espaço de convivência e de lazer para a comunidade. "Mas há também os projetos que trabalham com inclusão e oferta de trabalho em diferentes níveis, que vão desde a geração de renda até a

criação de empresas e cooperativas. O objetivo é gerar renda e oferecer um espaço de convivência e de lazer para a comunidade. "Mas há também os projetos que trabalham com inclusão e oferta de trabalho em diferentes níveis, que vão desde a geração de renda até a

criação de empresas e cooperativas. O objetivo é gerar renda e oferecer um espaço de convivência e de lazer para a comunidade. "Mas há também os projetos que trabalham com inclusão e oferta de trabalho em diferentes níveis, que vão desde a geração de renda até a

criação de empresas e cooperativas. O objetivo é gerar renda e oferecer um espaço de convivência e de lazer para a comunidade. "Mas há também os projetos que trabalham com inclusão e oferta de trabalho em diferentes níveis, que vão desde a geração de renda até a

criação de empresas e cooperativas. O objetivo é gerar renda e oferecer um espaço de convivência e de lazer para a comunidade. "Mas há também os projetos que trabalham com inclusão e oferta de trabalho em diferentes níveis, que vão desde a geração de renda até a

Impulsionar e fortalecer atividades que apresentem vínculos com a comunidade, por meio do repasse de recursos financeiros e apoio técnico, é o objetivo do Fundo Zona Leste Sustenta

* Conheça os selecionados em www.zlsustenta.org.br.

3

Lições aprendidas



R

registrar, sistematizar e multiplicar aprendizados e conhecimentos gerados em sua atuação é uma das diretrizes da Fundação Tide Setubal. De certa forma, este capítulo cumpre o papel de síntese dessa diretriz neste livro. Os capítulos anteriores apresentaram o percurso construído em cinco anos; nas próximas páginas, o leitor terá uma síntese das lições aprendidas, apresentadas com objetivo de compartilhar e multiplicar experiências para contribuir com a ação de outras organizações.

A construção de vínculos de confiança: escuta e respeito como alicerces de uma trajetória

Para aproximar-se, é fundamental não ser indiferente ou permanecer ignorante. Aproximar-se consiste em prestar atenção, reconhecer, considerar, olhar bem. O olhar atento exige aproximação e a tomada de uma justa distância. É olhar com respeito, olhar em torno, olhar duas vezes, repetir. Olhar exige atenção em um mundo onde o que vale é a rapidez. Atenção é flexibilidade, abertura para o outro. Mudar o olhar, abrir o diálogo, estabelecer vínculos de confiança por meio da escuta e da troca de experiências.

No percurso de atuação, com o contato direto com adultos e jovens em situação de alta vulnerabilidade, a palavra respeito foi encontrada em praticamente todos os depoimentos como algo que se deve ter pelo outro, ou como manifestação do desejo de se sentirem ouvidos. Essa percepção é tão forte que proporcionou à Fundação a reflexão de como essas pessoas se sentem desrespeitadas tanto na sua subjetividade e também como sujeitos de direitos, especialmente nas grandes metrópoles, onde são excluídos da cidade, sofrem preconceito em locais privados, no acesso a comércio e serviços, na falta de atendimento nos equipamentos públicos ou nas longas esperas sem justificativas ou explicações adequadas.

Desse modo, ficou clara a necessidade de manter o diálogo e a escuta abertos. Com isso é possível construir relações mais próximas, fortes e transparentes, pois são baseadas na confiança. Confiança de que haverá espaço para escuta, para a dúvida, para a reflexão, para novas opiniões. É importante destacar, porém, que nem sempre o diálogo é fácil. Leva tempo e capacidade de se colocar no lugar do outro. São vários encontros, conhecimentos e reconhecimento mútuo das partes, criação de vínculos de confiança, acerto das ações e tantos outros componentes, como a construção de laços afetivos ou de identidade.

O olhar para o entorno do território, e suas relações sociais, exige uma aproximação que traz junto esse tipo de escuta como uma atitude respeitosa de deter-se, de levar em conta o que é digno de consideração. Saber ouvir e saber falar são aprendizados que acontecem na prática cotidiana.

Essas diferentes percepções se uniram para realização de diversas ações, usando como princípio a importância de ouvir a comunidade, reconhecer suas histórias, envolvê-la nesse novo momento e recuperar espaços que já eram da localidade e tinham um tanto da vida dos moradores e da região.

O olhar da comunidade revela a história local

Quando chegou ao território de São Miguel, a Fundação Tide Setubal não era uma total estrangeira, pois tinha um nome familiar à população, mas chegou sem convite, e foi preciso uma longa construção de vínculos de confiança para romper com as diferentes hostilidades.

Um dos caminhos escolhidos foi ouvir as pessoas e estabelecer um processo de reconstrução da história

local. Na recuperação do patrimônio de uma comunidade, bairro ou cidade, é fundamental dar voz a seus moradores, personagens que trazem à tona especificidades culturais e a diversidade de tradições e costumes locais. Recuperar essas histórias representa a valorização da autoestima perdida, a união em torno de valores e crenças comuns e, sobretudo, a abertura de espaços que façam circular seus interesses, de forma a se configurarem em planos e projetos para o futuro.

Entrevistas, narrações, histórias foram ouvidas com muita atenção pela equipe da Fundação, formando um acervo rico em informações que inspiraram projetos a serem realizados na localidade. O orgulho de ter nascido e de morar em São Miguel sempre foi característica claramente perceptível na comunidade. As pessoas manifestam sua ligação com a região, tendo sempre uma boa história para contar e deixando claro o desejo de mudar o bairro e não de deixá-lo. Revelou-se, também, um patrimônio cultural presente em fotos, lembranças, histórias de quem ajudou a construir a região, com a chegada da família pelos trilhos do trem, na estação de São Miguel.

Gravar essas histórias e disponibilizá-las ao público foi uma estratégia forte para que os próprios moradores ressignificassem suas lembranças, valorizando suas relações com São Miguel Paulista. Essa estratégia foi a origem do Centro de Pesquisa e Documentação de São Miguel Paulista, o CPDOC São Miguel, que iniciou suas atividades com o Projeto São Miguel Paulista e Brasileiro, resgatando a história do bairro e as manifestações culturais presentes em São Miguel pela voz de quem passou por esses momentos.

Esse processo de escuta e diálogo é diretriz para as ações da Fundação e está presente tanto em ações



Gravar essas histórias e disponibilizá-las ao público foi uma estratégia forte para que os próprios moradores ressignificassem suas lembranças, valorizando suas relações com São Miguel Paulista.

nas quais compõe o objetivo principal do projeto, como acontece no CPDOC, mas também na essência de atividades como base para estruturação da programação cultural que dá espaço para as manifestações de grupos da localidade, nas ações dos projetos que estimulam a troca de saberes entre educadores e participantes, na gestão dos equipamentos públicos, como o CDC Tide Setubal e o Galpão de Cultura e Cidadania, que contam com diferentes parcerias estabelecidas em longo prazo, com diálogo, constantes realinhamentos e respeito mútuo.

Reformas estruturais dão visibilidade a ações concretas

A opção de não ter uma sede própria e sim recuperar um equipamento público estava alinhada à proposta de restaurar um lugar que já se integrava historicamente com o contexto local, além de demonstrar que um espaço público local poderia sim oferecer um trabalho de qualidade alinhado aos desejos de quem o utiliza. Além disso, era o início de um trabalho de parceria com o poder público e também com uma organização local, responsável pela gestão conjunta do clube da comunidade. Assim, a Fundação Tide Setubal iniciou seus trabalhos com a reforma do Clube da Comunidade Tide Setubal, que se encontrava em estado de abandono.

Ao propor a reforma das instalações, a Fundação levou ao CDC uma proposta de reforma também na forma de atuar. Fazer junto, ser transparente, ser apartidário, atuar em parceria era algo novo e difícil de compreender já que existiam ali marcas do clientelismo histórico, muito comuns em territórios vulneráveis no país.

O movimento inicial de quem estava mais próximo desse espaço foi o de resistência. Assim, era comum a opção pelo apoio do vereador ou político local a participar de um processo para conseguir maior autonomia, por meio de projetos que exigem maior transparência e prestação de contas dos resultados e dos orçamentos. Sem dúvida os políticos têm um papel fundamental na discussão e implementação de políticas do território. O que se questionava era a concessão de favores sem uma articulação com os diversos segmentos da região.

Era perceptível também o discurso da não continuidade. A decepção em relação a promessas não cumpridas produz um exército de queixosos passivos. A passividade não permite que as pessoas se percebam como agentes do jogo de forças que determina suas vidas. Muitos não entendiam a presença da Fundação e acreditavam que, cedo ou tarde, a Fundação desistiria e o novo projeto ficaria sem continuidade nas ações.

A mudança dessas atitudes começou com a concretização das ações, que traduzia na prática o discurso de toda a equipe da Fundação que era consistente com a forma de atuar. Ficou impossível negar as mudanças estruturais do CDC, a participação da comunidade, quando formada a primeira comissão de organização da festa junina, a ampliação da frequência dos moradores com a diversidade das atividades realizadas no Clube, e as articulações para outras conquistas para o território.

O CDC se tornou um polo irradiador de ações com espaço para participação tanto na sua gestão como também para sediar e fomentar discussões para demandas da comunidade. Em todas elas, a Fundação ganhou força como articuladora, convo-

cando diferentes atores para agirem conjuntamente, independentemente do seu partido ou da sua opinião, intermediando parcerias que interligam lideranças, moradores, instituições locais e poder público. A comunidade revela também um jeito diferente de atuar, curioso, questionador e a cada dia mais participativo.

Transparência, prestação de contas e apartidarismo, diferenciais na ação da Fundação na comunidade

Atuar com transparência é um eixo marcante no trabalho da Fundação que se transformou no diferencial com o qual foi possível mostrar à comunidade que havia outro modo de agir, mais democrático e sem dependência de favores políticos.

Da definição da programação cultural à inscrição e seleção de jovens para projetos com bolsa, passando pelas decisões relativas à gestão dos equipamentos, as ações da Fundação sempre foram divulgadas com informações transparentes e de acesso ao público, o que causou, no início, um grande estranhamento diante da cultura instalada de favorecimento dos amigos e conhecidos políticos.

Entretanto, com o tempo, foi perceptível que a transparência gerou credibilidade para as ações e o desejo de fazer com a Fundação e não apenas receber benefícios dessa aproximação. A costura política no nível da prefeitura e da subprefeitura foi fundamental.

A persistência foi uma grande aliada. Esse processo levou tempo, mas, mesmo com os atrasos e a pouca participação, a diretriz da Fundação não mudou. Com o desejo de fazer com a comunidade, as lideranças eram convidadas para as discussões e, quando não participavam, eram informadas dos resultados das

ações, mesmo tendo como únicas respostas as críticas e o desprezo pelo trabalho.

A Fundação Tide Setubal foi ganhando confiança como entidade que pratica aquilo a que se propõe, que faz com a comunidade, que não tem uma agenda oculta. Ao assumir uma posição apartidária, mas com a certeza de que tem um papel político no território, a Fundação propõe discussões, abre espaços para o diálogo, envolve a comunidade, estimula ações conjuntas entre as diferentes vozes do poder público, de forma suprapartidária, da sociedade civil e da iniciativa privada, acreditando em políticas públicas e não políticas partidárias. Com esse alinhamento, naturalmente, foi reconhecida como mediadora de debates e ações de interesse para a região.

Sua atuação acontece, de um lado, por meio dos vários programas e projetos já mencionados e, por outro, como parceira e cidadã que defende e participa dos interesses, festas e comemorações da localidade. Dessa forma, estabelece parceria com as mais diferentes instâncias governamentais e não governamentais: clubes de futebol, blocos e grupos de samba, igreja católica, empresas locais e grandes empresas, grupos culturais e ONGs sociais, núcleos socioeducativos, grupos étnicos, escolas, outras fundações e institutos etc.

Nesse sentido, algo intangível como a capacidade humana de construir, preservar e cuidar do território, em longo prazo, começa a se instalar entre vários moradores e organizações que passam a participar de ações no coletivo e, mais que isso, superam uma posição apenas de queixa para colocar em ação projetos e sonhos antes engavetados. Tudo isso construído no dia a dia de muitas reuniões, conversas, debates e conflitos.

Acompanhamento e compromisso, eixos de sustentação e participação

O desafio da continuidade, tão presente no território político por questões partidárias, aparece também como um obstáculo no dia a dia da realização de programas e projetos. Em diferentes ações, é possível detectar como a vulnerabilidade social acarreta uma série de dificuldades para sustentar a participação em processos de formação que precisam de tempo para trazer resultados.

Falta de referências, baixa escolaridade, dificuldade de leitura e escrita impedem a compreensão mais ampla de diferentes situações, ou seja, dificuldade de descolar do imediatismo da sobrevivência para entender a importância de resultados que aparecem com o tempo. Trata-se de uma população que não está habituada a fazer planejamento mesmo de curto prazo. Nesse caso, se apresentam inúmeros dificultadores: agendar e se organizar para participar de uma reunião, comparecer a consultas, optar entre deixar o filho participar de um espaço de formação a querer uma inserção imediata no mercado de trabalho.

Imprimir uma nova forma de agir nos grupos dos diferentes projetos é um trabalho quase diário. Para conquistar o envolvimento e a participação, é preciso persistência. Combinados são estabelecidos para número de faltas e os profissionais precisam mediar as negociações no momento das justificativas do faltante; carteirinhas, pastas, formulários são criados para que os participantes tenham o hábito de anotar os compromissos do projeto, ligações são realizadas para lembrá-los dos compromissos, participantes se separam em grupos para realização de tarefas e dividem res-

pensabilidades, que, após a execução, são analisadas conjuntamente para verificar resultados.

Em resumo, a conquista do resultado final de cada formação específica, seja em comunicação, em artes, em culinária, pela melhoria da qualidade de vida, exige um processo de longo prazo para conquista de novos hábitos, sustentados pela mediação, pelo diálogo e pelo acompanhamento constante até ações mais empoderadas.

A conquista de novos conhecimentos e perspectivas

Perceber uma mudança na postura e no modo de ver, sentir e atuar no mundo, por meio do empoderamento, estimulado e trabalhado em diferentes programas e projetos da Fundação, é sem dúvida a conquista que traz mais satisfação para a equipe.

Tantas vezes o mundo se restringia aos limites do seu microterritório, que a descoberta de que há algo mais disponível e acessível a eles é, em si, um ganho de novos conhecimentos e possibilidades.

As mudanças acontecem em diferentes frentes. Muitos dos jovens atendidos pelos projetos nunca haviam saído de São Miguel. Visitar o centro da cidade, a Avenida Paulista, o Parque do Ibirapuera, uma sessão de cinema ou um espetáculo de teatro traz uma nova visão de cidade, de espaços de cultura, de pertencer. E o ir e vir torna-se algo possível.

Mulheres e mães conseguem perceber outra forma de lidar com sua família, com a falta de estrutura de sua casa, com a falta de renda. As reuniões socio-educativas, elemento da metodologia do Programa Ação Família, por exemplo, trazem uma nova forma de resolver conflitos familiares por meio do diálogo.

A autoestima aumenta quando, em um curso de culinária ou de costura, elas percebem o quanto conseguem aprender e produzir. Descobertas que geram sonhos de continuidade como a criação de um empreendimento próprio. Elas se percebem como quem pode procurar oportunidades de mudança real para si e, mais ainda, desejam e batalham pela oportunidade na vida dos filhos.

Há, nesse cenário, uma face que alinha mães e jovens: a conquista da universidade. Mães desejam para os filhos aquilo que não tiveram. Desejam que eles tenham uma vida diferente, proporcionada pelo acesso à educação.



Eu tenho uma inveja tão grande quando chego a um banco para fazer qualquer coisa, uma lotérica (...) que eu vejo aquelas pessoas vestindo assim um uniforme, que estão trabalhando ali, sabendo tudo ali, eu fico olhando e pensando: será que eu vou ver alguém meu fazendo isso? (...) O que eu digo é que eles têm que abrir os olhos para a vida, estudar bem e entender as coisas, porque se eles não fizerem isso não dá (...) Se sair do estudo, se sair filha, não tem roça, no interior vai pra roça, mas aqui o que tem é a rua e a malandragem, só isso.”

Integrante do programa Ação Família

Jovens que passam pelos projetos também sonham em conquistar esses espaços e alguns deles colocam todos diante de um novo desafio: não transformar o acesso ao novo universo social em um grande abismo. Um abismo entre os membros da mesma família e o abismo entre os jovens, que, mesmo na universidade, muitas vezes não são ali realmente vistos.



Pretendo ainda fazer uma faculdade, mas ainda não tenho certeza de que, acho que de Educação Física, mas para a área de reabilitação e massoterapia. Tenho muitos sonhos não realizados, espero um dia conseguir fazer minha faculdade e quem sabe abrir uma clínica de reabilitação ou, então, me especializar em educação física infantil (...) Espero que com esse sonho se torne também realidade o meu futuro.”

Vanderson Souza Atalaia da Silva, ex-integrante do projeto São Miguel Paulista e Brasileiro



Eu acredito que, se eu continuar num caminho assim, tenho muitas possibilidades de conseguir um emprego bem melhor do que eu conseguiria antes. (...) Eu tenho muito mais chance de obter sucesso, de fazer o que eu gosto de fazer. Se a minha opinião é importante pra mim e eu correr atrás dela, eu acho muito maior a minha chance de ser feliz.”

Diogo Ferreira, jovem integrante do Núcleo de Comunicação São Miguel no Ar

Novas lideranças e lideranças renovadas

Em cinco anos de atuação em São Miguel Paulista, a Fundação Tide Setubal encontrou diferentes tipos de lideranças. O desejo de construir junto e não chegar como dona da verdade proporcionou as primeiras aproximações. Em associações de bairro, em grupos culturais ou em movimentos políticos, diferentes personagens mostravam sua ligação com a histó-

ria da região na tentativa de encontrar caminhos para transformá-la.

A aproximação com a Fundação apresentou fases distintas. Pode-se dizer que, em uma primeira fase, havia a curiosidade de entender qual seria o papel da instituição, que não tinha sua origem em São Miguel, dentro da comunidade.

Cessada a curiosidade, a Fundação viveu um momento difícil de entendimento. Por trazer uma maneira diferente de atuar e de demonstrar que estava ali para ficar e não para fazer uma ação pontual, muitas lideranças desejaram a sua saída. Desejavam o investimento financeiro feito, inicialmente, em reformas de espaços públicos, mas não sua ação em longo prazo.

Para a Fundação Tide Setubal, a negativa se colocou como um desafio a ser encarado com grandes doses de persistência. Persistência em mostrar que esse novo jeito de fazer, transparente, compartilhado, poderia trazer algo de novo.

Os diálogos foram muitos e se hoje eles acontecem é porque essas lideranças tinham em si o desejo real de mudança. De mudança do seu modo de agir, de aprender e de transformar a si, a sua instituição. Não é um caminho simples. Muitas vezes, foi preciso voltar atrás, refazer reuniões para reafirmar decisões antes acertadas, insistir na tentativa de um novo jeito de fazer. O que se teve como resultado foi a confiança. Obviamente, nem sempre o denominador é comum, afinal, mesmo com os aprendizados conjuntos, existe uma cultura institucional de cada organização.

Entretanto, a verdade de cada uma das pessoas com as quais a Fundação teve contato ajudou na cons-

trução dessa trajetória. Aconteceram encontros com lideranças que assim se nomeavam, mesmo sem representar efetivamente setores da sociedade local. Entretanto, a Fundação também encontrou “novos líderes” entre os integrantes de seus programas e projetos que atuavam na comunidade. São pessoas que muitas vezes não usam para si essa denominação, mas podem ser assim identificadas por se envolverem no movimento coletivo, se mobilizarem e mobilizarem outros pares para conquistas mais ampliadas dentro do território de São Miguel Paulista. Nesse caso, a Fundação busca estimular esse novo posicionamento, proporcionando espaço de debates, identificação de demandas e encaminhamentos para ação, agindo como mediadora e articuladora.



Mudou muita coisa. Mudou que eu aprendi conviver. Conviver com pessoas. Hoje, todo o nosso trabalho, o pessoal que está conosco aprendeu um estilo diferente de educação, de convivência, porque a Fundação trouxe isso pra nós (...)

Hoje, a gente sai daqui, vai às reuniões, à subprefeitura, à Fundação, vai à Associação Comercial. A gente não participava de nada disso.”

José Nario Pereira, presidente da Sociedade Amigos

Parcerias, mediação e articulação de ações e políticas no território

Para a Fundação Tide Setubal, ações sem parcerias na localidade não fazem sentido diante da missão de contribuir com o empoderamento da comunidade e com o desenvolvimento local. Em sua forma de ação, cada parceiro assume um papel, funda-

mental, por isso, a Fundação atua conjuntamente com organizações locais, com o poder público e com comunidade.

Estar ao lado das organizações da localidade é ter na parceria a essência da região. Conhecer a história, os entraves e as lutas, traduzidas por quem atua há muitos anos no território e coloca no debate saberes, conhecimentos e demandas para determinar metas a serem conquistadas. Essa união traz também o desafio das diferenças. São diferentes formas de gestão, de tempo de realização, de etapas de elaboração, que exigem paciência, respeito, reconhecimento do outro, realinhamentos. Exigem também uma nova postura, que propõe conquistas que ampliem os benefícios para o coletivo, deixando de lado o pensamento exclusivo para o “meu” projeto, a “minha” necessidade.

Nesse contexto, a Fundação vê também o poder público como um importante ator. O Estado forte tem a capacidade de convocar e de ampliar as ações bem-sucedidas em políticas públicas para todos, por isso, a Fundação não atua isoladamente, não quer substituir o Estado. Pelo contrário, convoca o Estado para construções compartilhadas com a comunidade.

Inúmeras ações já são realizadas em parceria com o Estado, como o uso e a gestão no CDC Tide Setubal, em parceria com a Secretaria Municipal de Esportes; os dois Telecentros instalados no Jardim São Vicente e no Jardim Lapenna, com a Secretaria Municipal de Participação e Parceria; a Secretaria Municipal de Cultura, com o ponto de leitura no Jardim Lapenna; a Secretaria Municipal do Trabalho, com as bolsas para o Núcleo de Comunicação Comunitária São Miguel no Ar; a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento com o Programa Ação Família.

Mas a parceria vai além da execução de políticas públicas já estabelecidas, a presença do poder público é fundamental nas mobilizações da comunidade pela solução de problemas e carências em diferentes áreas. A Fundação articula e estimula espaços de diálogo e participação que ganharam credibilidade pela sua condição apartidária. Convocações, encontros e conquistas que colocam a população em diálogo direto com o poder público, gerando como resultado não só a reivindicação em si, mas o aprendizado sobre a importância da participação e a necessidade do acompanhamento, da persistência e da cobrança de cada etapa para fazer valer a força e a vontade da comunidade.



O Estado brasileiro ainda é excludente e pouco participativo do ponto de vista de trazer as pessoas, ouvir o que seria importante para a cidade inteira. Isso é um desafio para nós. Acho que aí a Fundação faz uma grande diferença porque a gente acostumou aqui na nossa região, talvez essa seja uma das grandes dificuldades, a atrelar participação a um partido.

Quando você tem uma entidade autônoma, com um comportamento profissional, ela se isenta exatamente disso. Essa é a grande característica da Fundação. Ela não precisa dessas relações pra se manter. Ela precisa dessas relações pra construir junto. E as lideranças que estão participando têm percebido isso e têm, junto com a Fundação, procurado organizar e atuar na região exatamente para romper isso.”

Eduardo Dantas, professor e coordenador do CDC Baquirivu

A força da equipe na construção coletiva

Dentro de cada programa ou projeto realizado pela Fundação Tide Setubal, educadores e coordenadores atuam com uma metodologia de trabalho que procura ler o mundo onde se está inserido. A escuta ajuda a construir as bases para um texto ou um vídeo, para a batida de uma música, para uma peça de teatro. Cada um, independentemente da idade, se educador ou educando, traz, em seus fazeres e saberes, referências históricas com a família, com a comunidade, com o seu lugar, e isso acrescenta algo ao caldo do aprendizado.

Nesse sentido, a Fundação procurou valorizar em sua equipe profissionais de São Miguel Paulista. Eles são cerca de 70% do grupo. Educadores e agentes que compartilham com jovens e adultos trajetórias históricas semelhantes, ampliadas justamente por espaços de troca e crescimento, como os que tentam estabelecer com os integrantes de seus projetos.

Ter pessoas do território dentro de cada equipe estabelece uma via de mão dupla no fluxo de troca de saberes. Vivências atuais se conectam a experiências da localidade e proporcionam a tentativa de novas compreensões. Um desses momentos de encontro acontece em reuniões ampliadas com a presença de especialistas que ajudam a aprender, reaprender e compreender em uma dinâmica constante e intensa.

Dinâmica esta que é também alimentada com a troca de experiências entre os projetos. Constantemente, eles realizam ações nas quais contam com as metodologias e especificidades de diferentes áreas. O Núcleo de Comunicação desenvolve um programa de rádio com o tema meio ambiente para ser discutido com os participantes do Programa Ação Família.

A equipe do Programa Mundo Jovem desenvolve oficinas específicas sobre temas como identidade, drogas, trabalho com jovens atletas do time de futebol do Clube Escola. O CPDOC explora a história do bairro com os participantes do Núcleo de Comunicação São Miguel no Ar. Esses mesmos jovens contribuem para a comunicação institucional com registros e coberturas de eventos. Ações interligadas que retroalimentam o trabalho e a produção de conhecimento.

Aprendizados sistematizados e saberes compartilhados

Multiplicar e sistematizar esse aprendizado contribuindo para um novo fazer também está na diretriz de trabalho, por isso, periodicamente, a Fundação Tide Setubal produz publicações e pesquisas a fim de compartilhar com outros sua forma de fazer. A crença é de que, em outros espaços, as informações podem dar vazão e catalisar novos estudos, estabelecendo uma rede de conhecimento, sem dono, mas com muitos destinos.

Em cinco anos, três pesquisas foram realizadas com temas relacionados ao desenvolvimento local. São elas: Educação e Vulnerabilidade Social em São Miguel; Trabalhadores Informais em São Miguel; Centros Educacionais Unificados, um Estudo de Caso em São Miguel Paulista. Todos os trabalhos estão disponíveis no site da Fundação.

O modo de fazer de seus diferentes projetos se transformou nas publicações *Mundo Jovem Desafios e Possibilidades* e *Mundo Jovem*; *Almanaque Um Olhar sobre São Miguel Paulista – Manifestações Culturais, Ontem e Hoje*; *Cenas: Vivências, Histórias de Ser Jovem*; *Cultura, Diálogos para o Desenvolvimento Humano*; *Cultura e Sustentabilidade: Diá-*

logos para a Projeto de Desenvolvimento Cultural; Desenvolvimento Local e Fundações Comunitárias em Áreas Urbanas: Desafios e Oportunidades apresentados nos capítulos anteriores.

Cinco anos, muitas histórias

O projeto deste livro contou com inúmeras versões. Entre relatórios, registros, artigos, reflexões, conversas, entrevistas, os capítulos foram e voltaram, ordenada e desordenadamente. Em leituras compartilhadas, diferentes opiniões e novos alinhamentos. Diálogo, escuta e perseverança, tão presentes nas atividades diárias, marcaram também aqui sua presença. Assim, nasceu a proposta de contar a história da atuação da Fundação com o desejo de abordar os desafios, os aprendizados, as dificuldades e as conquistas da relação da Fundação Tide Setubal com o território de São Miguel Paulista.

Ao olharmos para o trabalho realizado, é possível perceber duas frentes de atuação. Núcleos, programas e projetos de formação em diferentes áreas e, em uma perspectiva mais alargada, articulação e mobilização para o desenvolvimento e para a conexão de São Miguel com as políticas da cidade. Na base, está a busca pelo empoderamento e pelo desenvolvimento local sustentável.

Ao se referir ao desenvolvimento sustentável, a Fundação acredita no desenvolvimento socialmente justo, economicamente ativo e competitivo, ambientalmente responsável, politicamente democrático e culturalmente diverso.

Nesse sentido, os programas e projetos são realizados ano a ano com foco no aprimoramento e amadurecimento de suas metodologias de ação direta,

analisadas e direcionadas às demandas dos participantes, e de parcerias com escolas, associações, moradores do território, multiplicando assim a capacidade de realização, de participação e de empoderamento de crianças, jovens e adultos.

As ações de articulação e mobilização, nascidas das demandas da comunidade, crescem e se tornam um espaço de aprendizado mútuo, diálogo, perseverança e conquistas, com resultados construídos e compartilhados entre moradores, lideranças, representantes da sociedade civil organizada e o poder público. Ao retornar à região, após 30 anos de um trabalho iniciado por Tide Setubal, é possível perceber uma São Miguel viva, intensa, orgulhosa, e com dificuldades, o que para muitos acontece em qualquer periferia de uma grande cidade. Existem semelhanças sim, mas para a Fundação a relação com a região de São Miguel é forte, intensa e verdadeira, e parece, muitas vezes, única por carregar consigo um pouco da história de cada um envolvido na criação, na execução, na participação, de programas, projetos, articulações, mobilizações.

Este livro é dedicado a cada uma dessas pessoas, e também àquelas que estão por aí escrevendo histórias de outras comunidades e acreditam na força de seus atores, compartilhando experiências, dialogando e atuando para uma nova fase, de desenvolvimento, mudança e esperança na busca por um país justo e igualitário.

Fundação em números

Atividade/ projeto	Atendidos 2006/2007	Atendidos 2008	Atendidos 2009	Atendidos 2010	TOTAL
Ação Família	300	300	300	200	1100
ArteCulturAção	84	48	60	106	298
ArteCulturAção – multiplicação da metodologia luteria com grupos da região (construção de instrumentos)				36	36
ArteCulturAção – multiplicação Núcleo SocioCultural				15	15
Clube do Jornal	228	45	projeto concluído		273
Mundo Jovem (Menina-Mulher e Espaço Jovem)	84	120	110	50	364
Futebol e Cidadania	50	50	110	60	270
Gestores de Aprendizagem	24	projeto concluído			24
Santeiros e Entalhes	37	projeto concluído			37
São Miguel no Ar	30	42	38	33	143
São Miguel Paulista e Brasileiro	30	projeto concluído			30
CPDOC		493	752	705	1950
Clube Escola (inscri- tos por modalidade)		1606	1496	1200	4302
Ações realizadas em escolas públicas da região – Espaço Jovem			30	projeto concluído	30
Ações de replicação metodológica com educadores de esco- las públicas (NCC São Miguel no Ar)				30	30
Ações realizadas com educandos em escolas públicas da região – Jovem Comunica (NCC São Miguel no Ar)			30	500	530



Atividade/ projeto	Atendidos 2006/2007	Atendidos 2008	Atendidos 2009	Atendidos 2010	TOTAL
Ações de replicação metodológica em 4 ONGs com educadores (NCC São Miguel no Ar)				8	8
Ações de replicação de metodologia de educomunicação em escolas (NCC São Miguel no Ar)				20	20
Ações de letramento utilizando a educomunicação com crianças do Jd. Lapenna (NCC São Miguel no Ar)				25	25
Ações de letramento com adultos utilizando a educomunicação (NCC São Miguel no Ar)				20	20
Ações de letramento digital com moradores do Jardim Lapenna (NCC São Miguel no Ar)				35	35
Mundo Jovem – formação de metodologia com professores de escolas públicas e educadores de ONGs			30	54	84
Ponto de Leitura (lançamento do projeto em junho de 2009)			300	475	775
Ponto de Leitura (contação de histórias para escolas públicas da região)				1250	1250
Oficina Escola de Culinária (lançamento do projeto em junho 2009)			120	600	720
TOTAL DE ATENDIDOS DIRETAMENTE	867	2704	3416	5547	12534
Programação Cultural CDC	13240	16674	8651	11424	49989

Atividade/ projeto	Atendidos 2006/2007	Atendidos 2008	Atendidos 2009	Atendidos 2010	TOTAL
Programação Cultural Galpão		8850	8000	4500	21350
Festival do Livro 2010				30000	30000
TOTAL DE PARTICIPANTES NA PROGRAMAÇÃO CULTURAL		25524	16651	45924	101339
Atendimento indireto no Ação Família (familiares participantes do programa)	1500	1500	2150	1000	6150
Atendimento indireto no Mundo Jovem (jovens formados pelos professores que participam da multiplicação da metodologia)			260	150	410
Atendimento indireto no Mundo Jovem (jovens formados pelos educadores de ONGs que participam da multiplicação da metodologia)				515	515
Atendimento indireto no Núcleo de Comunicação (moradores envolvidos nas produções de rádio e TV de Rua)			22	220	242
TOTAL DE ATENDIMENTOS INDIRETOS	1500	1500	2432	1885	7317
TOTAL GERAL					121190

Em 2010, a Feira do Livro ganhou um novo formato; batizada de Festival do Livro e da Literatura de São Miguel, aconteceu em mais de dez espaços públicos da comunidade, nas praças e nas ruas do bairro, além do CDC Tide Setubal, com atividades culturais e de estímulo à leitura.

